UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - RIO CLARO

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MARIANA CUNICO DA SILVA

ENTRE RELAÇÕES DE GÊNERO E A SOCIOEDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE PROJETO DE VIDA COM ADOLESCENTES E JOVENS

RIO CLARO - SP
2023

MARIANA CUNICO DA SILVA

ENTRE RELAÇÕES DE GÊNERO E A SOCIOEDUCAÇÃO:
REFLEXÕES SOBRE PROJETO DE VIDA COM ADOLESCENTES E JOVENS

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Câmpus Rio Claro, para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profª Drª. Débora Cristina Fonseca

RIO CLARO - SP
2023

S586e

Silva, Mariana Cunico da

Entre relações de gênero e a socioeducação : reflexões sobre projeto de vida com adolescentes e jovens / Mariana Cunico da Silva. -- Rio Claro, 2023

84 f. : il., tabs., fotos

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientadora: Debora Cristina Fonseca

1. socioeducação. 2. projeto de vida. 3. relações de gênero. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MARIANA CUNICO DA SILVA

ENTRE RELAÇÕES DE GÊNERO E A SOCIOEDUCAÇÃO:
REFLEXÕES SOBRE PROJETO DE VIDA COM ADOLESCENTES E JOVENS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Drª. Debora Cristina Fonseca

Profª. Drª. Joyce Mary Adam

Profº. Drº. Rinaldo Correr

Aprovado em: 07 de novembro de 2023

gov.br
Documento assinado digitalmente
MARIANA CUNICO DA SILVA
Data: 26/11/2023 15:58:09-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Assinatura da discente

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Assinado de forma digital por Debora Cristina Fonseca:15974299884
Dados: 2023.11.26 17:21:50 -03'00'

Assinatura da orientadora

Dedico este trabalho a todas às mulheres de minha família

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria realizado sem o auxílio e o incentivo de meus pais, Iolanda e João, e de minha irmã, Carol. Muito obrigada pela contribuição e apoio ao longo destes anos, sem o investimento, carinho e dedicação, eu não conseguiria. Muito obrigada!

Aos meus amigos e familiares que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a esta pesquisa.

Aos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Participação Democrática e Direitos Humanos – GEPEPDH, pelos ricos momentos de socialização de conhecimento, diversão e afetos. Muito obrigada! Obrigada por contribuírem na minha formação profissional e pessoal.

À professora Débora Cristina Fonseca, por toda paciência, atenção e orientação ao longo destes anos, na supervisão da Iniciação Científica e neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço aos meus amigos e profissionais do Centro Educacional SESI-083, principalmente as professoras e professores por todos os conselhos, ensinamentos e auxílio ao longo de minha vida escolar (Educação Infantil até o Ensino Médio), com a qual guiaram meu aprendizado.

E por fim, gostaria de agradecer a todos os adolescentes e jovens que participaram desta pesquisa! Muito obrigada por contribuírem para a minha formação enquanto pedagoga.

As pessoas da orientação sexual não vão retroceder em suas lutas, as mulheres não vão recuar nas suas agendas; nós não vamos voltar para a senzala. E isso está colocado. Vai ter luta!

Sueli Carneiro

RESUMO

Esta pesquisa buscou investigar se e como distingue-se a construção do projeto de vida de meninas e meninos em cumprimento de medidas socioeducativas no Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) em uma cidade do interior paulista. O estudo teve como universo de estudo: três grupos de adolescentes em conflito com a lei que frequentam escolas públicas e que são acompanhados pelo CREAS. Foram realizados grupos de discussões, com intervalos quinzenais, em que foram utilizadas técnicas do Teatro do Oprimido (TO), como instrumento para abordagem do projeto de vida, empregando-se os processos sobre a palavra, imagem, som e metáforas. Também, foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas com nove adolescentes meninos e uma adolescente menina, que frequentam o CREAS. As informações obtidas foram estruturadas no Diário de Campo e examinadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin. Nesse sentido, constatou-se quais questões formam e compõem o(s) Plano(s) de Vida(s) das/dos participantes e quais intervenções estão presentes em suas projeções de experiências e trajetórias. Portanto, verificou-se que as/os jovens possuem Identidades estigmatizadas, em que os seus direitos *são* e *estão* violados em todos os espaços, em que os estigmas estão atrelados às suas trajetórias de vida, influenciando na construção de suas projeções de vida. Desta forma, observou que meninos e meninas apresentam componentes semelhantes e diferentes nas suas projeções de futuro, no que refere-se às meninas, é possível observar que as relações de gênero forjam quais caminhos as jovens devem seguir, como a maternidade e o matrimônio, uma vez que estas/estes jovens reproduzem em seus discursos as expectativas da sociedade patriarcal e de suas famílias.

Palavras-Chaves: Projeto de Vida. Socioeducação. Relações de Gênero.

ABSTRACT

This research sought to investigate whether and how it distinguishes the construction of the life project of girls and boys in fulfillment of socio-educational measures in the Reference Center Specialized in Social Assistance (CREAS) in a city in the interior of São Paulo. The study had as its universe of study: three groups of adolescents in conflict with the law who attend public schools and are accompanied by CREAS. Discussion groups were held, with biweekly intervals, in which techniques of the Theater of the Oppressed (TO) were used as an instrument to approach the project of life, using the processes on the word, image, sound and metaphors.Also, individual semi-structured interviews were conducted with nine adolescent boys and one adolescent girl, who attend CREAS. The information obtained was structured in the Field Diary and examined through the Laurence Bardin Content Analysis technique. In this sense, it was verified which questions form and compose the Life Plans of the participants and which interventions are present in their projections of experiences and trajectories. Therefore, it was found that the/the young have stigmatized identities, in which their rights are and are violated in all spaces, in which stigmas are tied to their life trajectories, influencing the construction of their life projections. In this way, he observed that boys and girls have similar and different components in their future projections, with regard to girls, it is possible to observe that gender relations persuade what paths young women should follow, such as motherhood and marriage, since these young people reproduce in their discourses the expectations of society and their families.

Keywords: Life Project. Socioeducation. Gender Relations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação entre quantidade de participantes e idade

Quadro 2 - Relação entre quantidade de participantes meninas e Idade

Quadro 3 - Relação entre quantidade de participantes e declarações etnico-racial

Quadro 4 - Relação entre quantidade de participantes e ato infracional

Quadro 5 - Relação entre quantidade de participantes e filhos

Quadro 6 - Relação entre quantidade de participantes e com quem mora

Quadro 7 - Relação entre quantidade de participantes meninas e com quem mora

Quadro 8 - Autodeclaração dos jovens X Declaração no PIA

LISTA DE IMAGENS E FIGURAS

IMAGEM 1 - Representação da Árvore do Teatro do Oprimido

IMAGEM 2 - Vestimenta das/dos jovens

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNJ - Conselho Nacional de Justiça

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CREAS - Centro de Referência Especializado em Assistência Social

DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EDH - Educação em Direitos Humanos

IST's - Infecções Sexualmente Transmissíveis

LA - Liberdade Assistida

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social

MSE - Medida Socioeducativa

SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo

SEPA - Serviço Especializado em Prevenção e Assistência para DST/AIDS/Hepatites

PSC - Prestação de Serviço Comunitário

PIA - Plano Individual de Atendimento

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

TO - Teatro do Oprimido

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO……..…12
2. TEATRO DO OPRIMIDO E A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS…...…….15
3. MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS E PROJETO DE VIDA……...….19
4. GÊNERO E SEXUALIDADE NA SOCIOEDUCAÇÃO……22
5. METODOLOGIA……...……28
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES……..…….31
6.1 Participantes: Quem são? ……..31
6.2 Identidade e Estigma……...……37
6.3 Gênero, Sexualidade, Família e os vestígios das Violências na(s) trajetória(s) de vida(s)……46
6.4 Sentidos e Significados: Escola e a Socioeducação……...……59
6.5 Predileções, Aspirações, Sonhos e Perspectivas de Futuro……63
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS……..……69
REFERÊNCIAS……..……72
APÊNDICES……..……..76

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo integra a pesquisa maior "Jovens em Cumprimento de Medidas Socioeducativas: projeto de vida, direitos humanos e perspectivas de futuro" (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Participação Democrática e Direitos Humanos – GEPEPDH), que tem como premissa maior, a construção e análise do Projeto de Vida de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas no Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) em uma cidade do interior paulista.

Nessa perspectiva, segundo Costa (2017) o Projeto de Vida é um artifício que corresponde à construção, por atribuição do indivíduo, de propósitos de ações direcionadas ao futuro, associando-se a identidade e as circunstâncias dos contextos econômicos, culturais e sociais. Também, de acordo com Costa, Alberto, Silva "a construção do projeto de vida exige uma ação consciente por parte do jovem, que deve estabelecer objetivos e metas a curto, médio e longo prazos" (Costa, Alberto & Silva, 2019, p. 5-6)

O desenvolvimento do Projeto de Vida não é fixo, dado que considera as perspectivas e as possibilidades da vivência de cada cidadão, abrangendo o seu presente e passado (Costa, 2017). Ainda mais, a elaboração do plano individual envolve-se com uma ou mais das diversas dimensões, bem como às áreas: profissional, educacional, afetiva e familiar, conforme Costa (2017).

O Projeto de Vida apresenta como um elemento fundamental na etapa de cumprimento de medidas socioeducativas, a proposição de uma reflexão com o objetivo de prospectar o futuro na elaboração e execução do Plano Individual de Atendimento (PIA), sendo previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei Nº 8.069, 1990). A presença de adolescentes entre 12 e 18 anos que praticaram algum ato infracional na execução das medidas, visa à reinserção social, partindo da ressignificação de valores e da reflexão pessoal, além da garantia de seus direitos individuais e sociais (Costa, Alberto & Silva, 2019, p. 3).

Segundo Costa (2017), o Projeto de Vida associado aos jovens tem como objetivo a reflexão dos aspectos negativos do passado, percorrendo a trajetória infracional e os fundamentos presentes, assim como as possibilidades para as mudanças de vida dos adolescentes,

> Pensar sobre o projeto de vida de jovens em cumprimento de medida socioeducativa é tratar sobre as projeções futuras que tais jovens podem construir, para além do ato infracional. Ou seja, as instituições que ofertam as medidas socioeducativas, ao cumprir com o objetivo socioeducativo de reinserção social, devem permitir ao jovem, superar as circunstâncias anteriores que levaram ao ato infracional e

> possibilitar outras oportunidades que favoreçam o exercício da cidadania e a garantia dos direitos (Costa, 2017, p. 52).

Nesse contexto se insere este estudo, em que o objetivo central da pesquisa consistiu na investigação de se e como distingue-se a construção do projeto de vida de meninas e meninos em cumprimento de medidas socioeducativas no Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) em uma cidade do interior paulista.

Assim, a pesquisa buscou promover o contato de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas com reflexões em torno da vida, expectativas de futuro, sonhos e o contexto real de suas vidas. Entretanto, este estudo, também, leva em consideração as relações de gênero dentro das medidas socioeducativas, uma vez que a

> [..] transversalidade da categoria gênero no cumprimento das medidas socioeducativas de privação de liberdade, no que pese a reprodução das relações sociais de gênero relacionadas à prática de ato infracional, com vistas a contribuir para o debate e construção de novas formas de pensar e executar as medidas privativas de liberdade às adolescentes autoras de ato infracionais, tão invisibilidades em nossa sociedade (Inocentes, 2019, p. 1).

À vista disso, Norkevicius (2020), relata que os estudos de gênero e sexualidade na socioeducação, denunciam os formatos de poder e hierarquia, uma vez que "a sexualidade, as performances e a identidade de gênero são também controladas dentro dessas instituições", além de que as adolescentes são atravessadas por diversas imposições de gênero nestas relações, visando a "ressocialização" por intermédio das performances tradicionais (Norkevicius, 2020, p. 383-388).

Segundo Inocentes (2019, p. 2), o conceito de gênero tem sido entendido de maneiras diversas por inúmeras correntes feministas, as quais são fundamentadas através de algumas categorias, como patriarcado, relações sociais, divisão sexual e racial do trabalho. Nesse sentido, as relações de gênero representam a construção social de papéis, tido em alguns momentos, como masculino e feminino, que obedecem aos interesses de determinada sociedade e um dado tempo histórico.

Independentemente da corrente feminista, o gênero está diretamente ligado a luta politica que atravessa a sociedade contemporânea, visto que o Sistema Socioeducativo é condicionado às desigualdades de tratamentos e preconceitos de gênero, sendo perfomadas pelo Patriarcado (Inocentes, 2019, p. 10).

Portanto, o estudo tem como fundamento constituir uma transversalidade entre Teatro do Oprimido, Direitos Humanos e Relações de Gênero para apreender como se organiza o

Projeto de Vida de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas.

2. TEATRO DO OPRIMIDO E A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS

Direitos Humanos é, de acordo com Piovesan (2009), afirmar a dignidade humana e prevenir o sofrimento humano. Ainda, Hannah Arendt (1979) declara que os direitos humanos são construídos, sendo uma invenção humana em constante processo de construção e reconstrução. Ao longo da história da Humanidade, a concepção em torno de "Direitos Humanos" sofreu inúmeras modificações, de acordo com o modo de organização da vida social e política de diferentes sociedades.

Nesse sentido, o modelo mais atual de sistematização em torno da temática, é a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH, 1948), que se constitui como um documento de base não jurídico que delineia a proteção universal dos Direitos Humanos básicos, adotado pela Organização das Nações Unidas no século XX.

Em vista disso, a DUDH prevê que os direitos humanos são fundados no respeito pela dignidade e o valor de cada pessoa, e que são universais, aplicáveis de modo igualitário e sem discriminação a todas as pessoas. Ainda, eles são inalienáveis, em que nenhum indivíduo pode ser privado de seus direitos, mas podem ser limitados em situações específicas.

Ademais, os direitos humanos são indivisíveis, inter-relacionados e interdependentes, visto que é imprescindível respeitar todos os direitos. Em síntese, todos os direitos humanos devem, portanto, ser vistos como de igual importância, respeitando a dignidade e o valor de cada indivíduo.

Nessa perspectiva, a Educação em Direitos Humanos (EDH) é, segundo Tavares (2007), um dos principais instrumentos de combate às violações de direitos humanos, uma vez que se orienta na valorização da dignidade e nos princípios democráticos. A EDH permite a afirmação dos direitos e das responsabilidades, preparando sujeitos conscientes de seu papel social na luta contra as desigualdades e injustiças, significando que é imprescindível atuar na formação de sujeitos ativos na luta por seus direitos e na efetivação de suas responsabilidades, mobilizando e conscientizando os indivíduos sobre o respeito ao ser humano e os problemas sociais.

Assim sendo, "a educação em direitos humanos é uma educação que não acontece somente nos limites da sala de aula. Ela é um movimento e está em movimento" (Instituto Alana, 2021, p. 18). Isso significa que a EDH acontece nos mais diversos espaços, não restringindo-se à educação formal.

De acordo com o Instituto Alana (2021), com a Educação em Direitos Humanos é possível contribuir para a formação de uma cidadania ativa e crítica, em que os indivíduos

percebam as suas ações individuais e coletivas, além de suas consequências, atuando em uma formação para uma cultura de direitos humanos.

Portanto, não se trata apenas de difundir o conhecimento teórico, histórico e jurídico sobre os direitos humanos (Candau, 1999; Benevides, 2000), mas de mobilizar e gerar uma luta com princípios e valores, conforme os direitos humanos. Portanto, "educar em direitos humanos significa ter a vida cotidiana como referência contínua. É um aprendizado que não ocorre de forma pontual ou isolada, mas que, sistematicamente, faz parte da ação educacional" (Tavares, 2007, p. 500).

Logo, é necessário que a Educação em Direitos Humanos se aproxime de outras tendências, a cumprir a premissa de estar presente no cotidiano dos sujeitos. Por conseguinte, partimos do pressuposto de que o Teatro do Oprimido e a Educação em Direitos Humanos podem conceber esta circunstância.

O Teatro do Oprimido (TO) é um método cênico-pedagógico em constante conflito, luta, movimento e transformação. Concernente como uma composição da linguagem, é possível de se executar falas e escutas de todos os temas que se referem à vida social humana. Idealizado na década de 1970 pelo teórico teatro Augusto Boal, orienta-se a buscar os caminhos de libertação, através da transformação, modificando a sociedade e não apenas interpretando-a, uma vez que o TO é *para* os oprimidos, *sobre* os oprimidos e *com* os oprimidos, no qual o drama é real, estético, teatral e cotidiano.

Neste seguimento, o método presente, apresenta o debate, o conflito de ideias, a dialética, a argumentação e a contra-argumentação como preparação ao *espect-ator* agir na vida real (Boal, 2014, p. 345) mediante ao conjunto de técnicas que compõe a metodologia. De acordo com Boal (2019, p. 13) "todo teatro é necessariamente político" e "teatro é uma arma", por esta perspectiva, a estética envolvida no processo, denominada como *estética do oprimido*, visa o desenvolvimento aos que a praticam, a capacidade de perceber o mundo e transformar através de todas as artes e não apenas do teatro, centralizando o processo na palavra, som e na imagem, uma vez que o TO é uma poderosa ferramenta de mudança de concepções sociais.

A estética do oprimido é a expressão da ligação entre o conhecimento e a arte, uma vez que a "Cultura e a Arte, que são, essencialmente, manifestações concretas da *aesthetos* - Estética" (Boal, 2009, p. 26). Nesse sentido, a estética do oprimido busca redescobrir os ritmos de cada um, através da produção da Cultura e da produção de ideias, transformando-as em atos sociais, concretos e continuados.

A metodologia do TO tem como representação o símbolo de uma árvore, em razão da planta estar em constante processo de transformação e de multiplicação, como o método cênico-pedagógico, representado abaixo,

IMAGEM 1 - Representação da Árvore do Teatro do Oprimido



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A Árvore do Teatro do Oprimido possui ramificações coerentes e interdependentes, que visam cada técnica concebida por meio das experiências coletivas e concretas das demandas sustentadas pela sociedade. A base desse pensamento é a ética e a solidariedade, na qual as raízes da árvore se alimentam dos diversos conhecimentos humanos, oferecendo os saberes e grandes possibilidades para as criações dos atores. Ademais, a Filosofia, Economia, História, Multiplicação e Política contribuem para a sustentação da reflexão dos sujeitos, visto que é preciso conhecer não apenas as suas próprias, mas também as opressões alheias (Boal, 2019, p. 14).

O tronco e as ramificações são representados pelos meios estéticos e técnicas, respectivamente. Os meios estéticos proporcionam a produção criativa e a capacidade de representar a realidade, com a finalidade da palavra, som e imagem, impulsionando o autoconhecimento, autoestima e a autoconfiança dos agentes. Ainda, Boal afirma,

> No tronco da Árvore surgem, primeiro, os jogos, porque reúnem duas características essenciais da vida em sociedade: possuem regras, como a sociedade possui leis, que

> são necessárias para que se realizem, mas necessitam de liberdade criativa para que os jogo, ou a vida, não se transforma em servil obediência (Boal, 2019, p.14 e 15)

Ainda, a "Arte é busca de verdades através dos nossos aparelhos sensoriais" (Boal, 2019, p. 15), portanto as técnicas são compostas por: Teatro Jornal, Teatro Invisível, Teatro Imagem, Teatro Fórum e Arco-íris do Desejo. Cada uma detém características, diferentes entre si, mas que se interligam, buscando sempre a transformação da sociedade, no que refere à libertação dos oprimidos.

A metodologia de caráter político, social e artístico baseia-se na concepção de que todos os seres humanos são atores, mesmo que não realizem teatro. Em virtude do homem carregar dentro de si o *agir* e o *observar* nas suas ações cotidianas, sendo movido pela consciência, sentimento, ação e o desejo de impulsionar a si e aos outros, conforme Boal explica:

> Todo mundo atua, age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores! Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, em frente de um espelho, no Maracanã ou em uma praça pública para milhares de espectadores. Em qualquer lugar… até mesmo dentro dos teatro (Boal, 2014, p.9)

Nesse sentido, o Teatro do Oprimido relaciona-se diretamente com a Educação em Direitos Humanos, uma vez que

> O Teatro do Oprimido jamais foi um teatro equidistante que se recusa a tomar partido - é teatro de luta! É o teatro dos oprimidos, para os oprimidos, sobre os oprimidos e pelos oprimidos, sejam eles operarios, camponeses, desempregados, mulheres, negros, jovens ou velhos, portadores de deficiencias fisicas ou mentais, enfim, todos aqueles a quem se impõe o silencio e de quem se retira o direito à existência plena (Boal, 2019, p. 24)

Em outras palavras, a metodologia busca ajudar os *espect-atores* a conhecerem de forma reflexiva as situações de opressões nas quais seus direitos são violados e, também, a ensaiar as ações que podem gerar tensões e quebras das opressões enraizadas na sociedade.

Neste sentido, a Educação em Direitos Humanos promove a formação de uma cultura de respeito, pautada na Ética e na promoção de uma vivência acompanhada de atitudes, hábitos e valores que concedem à dignidade humana como elemento primordial da sociedade.

Portanto, é mediante a Ética e a promoção de uma cultura de respeito aos oprimidos que o Teatro do Oprimido e a Educação em Direitos Humanos se relacionam, uma vez que as duas concepções visam a dignidade humana como elemento principal de seus princípios, e a mobilização em se reconhecer como minoria e como um sujeito de direitos e responsabilidades, sucedendo em uma Luta.

3. MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS E PROJETO DE VIDA

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) representa um avanço legal e social, na medida em que estende a proteção integral e preferencial de todas as crianças e adolescentes, inaugurando-os como sujeitos de direitos e de deveres (Amorim; Alberto; Azevedo, 2017; Carvalho, 2019). Nesse sentido, de acordo com os autores, a violência praticada por uma parcela da população tem sido alvo de grande preocupação. Portanto, em paralelo a esse cenário, jovens e adolescentes são apresentados como principais vítimas de violências executadas pelo Estado e seus representantes, promovendo violações de seus direitos.

Dessa maneira, de acordo com Costa; Alberto; Silva (2019), a partir da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), o atendimento aos jovens a quem se atribui a prática de atos infracionais passou a ser orientado a partir da perspectiva da proteção integral de seus direitos. Em vista disso, o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE, 2012), move-se como um instrumento jurídico-político que possibilita a concretização dos direitos dos jovens e adolescentes autores de atos infracionais.

Deste modo, as medidas socioeducativas são aplicadas aos adolescentes e jovens, entre 12 e 18 anos, a quem foi conferida a autoria de atos infracionais (Costa; Alberto; Silva, 2019), estabelecidas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), sendo regularizadas pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase, 2012).

“As medidas socioeducativas visam a reinserção social, fortalecimento de vínculos familiares e comunitários" (Francischini; Campos, 2005, p. 269), concebendo o adolescente como pessoa em uma condição peculiar de desenvolvimento (Brasil, 1990). De acordo com Souza (2019), o planejamento acerca do atendimento socioeducativo é de que o foco não corresponda à infração, mas sim, ao adolescente que infraciona, percebido como sujeito de direitos, direcionando-o à escola e possibilitando o oferecimento de atividades profissionalizantes, esportivas, de lazer e culturais.

Esta concepção é visionada no ECA (Brasil, 1990), em que os jovens em conflito com a lei são compreendidos como sujeitos de direitos (Souza, 2019). Todavia, segundo Souza (2019), a efetivação e a compreensão sobre a socioeducação está intrinsecamente vinculada às contradições, uma vez que o conceito oferece um entendimento de uma política pública voltada à efetivação e humanização do atendimento ao jovem e adolescente em conflito com a lei, no entanto, carrega marcas do sistema capitalista neoliberal que prioriza o sujeito econômico e legitima as desigualdades sociais (Cardoso, 2022).

Nesse sentido, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), as medidas socioeducativas passíveis de serem aplicadas pelos serviços públicos, são

> I. Advertência; II. Obrigação de reparar o dano; III. Prestação de serviços à comunidade; IV. Liberdade Assistida; V. Inserção em regime de semiliberdade; VI. Internação em estabelecimento educacional; VII. Qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI (BRASIL,1990, p.26).

Nesta pesquisa a medida socioeducativa (MSE) investigada foi a de Liberdade Assistida (LA) que, de acordo com Souza (2019), os jovens e adolescentes são acompanhados por uma equipe responsável pelo atendimento, sem restrição de suas liberdades.

Nessa perspectiva, para a efetivação da medida socioeducativa, deve-se construir o Plano Individual de Atendimento (PIA) previsto no SINASE (2012). O PIA constitui-se em um instrumento significativo, tendo em vista que inaugurou-se uma grande mobilização na reflexão em torno de um plano de atendimento individualizado, em que se considere as especificidades de cada adolescente e que assegure o acesso aos direitos fundamentais. Mas, conforme Moreira et alt. (2015), o PIA deve ser analisado sob uma ótica de construção da subjetividade expressa e criativa dos jovens e adolescentes, articulando os eixos e norteando o cumprimento da medida socioeducativa.

Assim sendo, durante a sua elaboração, as metas e compromissos das medidas socioeducativas serão visionadas, envolvendo o adolescente, sua família e os profissionais do serviço executor de medida socioeducativa. Todavia, é imprescindível compreender que o PIA deve conter os objetivos e compromissos a serem cumpridos, verificando elementos norteadores para a construção de novos projetos de vida dos jovens e adolescentes (Souza, 2019).

Desse modo, segundo Costa; Alberto; Silva (2018), as medidas socioeducativas devem possibilitar aos jovens a construção de seus projetos de vida, mediante a proposta de ações organizadas que impulsione o desenvolvimento integral, partindo do pressuposto dos interesses, objetivos e ressignificação. Contudo, os autores mostram que a realização desse elemento tem um caráter genérico, na qual o objetivo é apoderar-se do tempo em que os jovens permanecem nos serviços de execução de medidas.

Portanto, essa característica da MSE revela a carência de um projeto pedagógico na execução do PIA, visto que a construção do projeto de vida depende diretamente da qualidade das mediações realizadas. Ainda, a construção desse elemento exige um exercício consciente dos jovens, em estabelecer objetivos e metas a curto, médio e longo prazo (Costa; Alberto; Silva, 2018). Isso significa que mediante as vivências e o contexto social, cultural e

econômico dos jovens, a construção do projeto de vida é planejada, avaliada e reorganizada pelos sujeitos em tempo integral.

Ainda, de acordo com Costa; Alberto (2020), o projeto de vida representa um conceito fundamental na obra de Vigotski para compreender a juventude, dado que o desenvolvimento psicológico depende da atividade social, sendo cada período do processo marcado por uma atividade dominante, além de tangenciar novos interesses e motivações.

Na transição de um período a outro, os sujeitos vivenciam uma crise que incidirá na reestruturação dos conteúdos psicológicos. Na juventude, a crise está relacionada com a habilidade de elaborar planos e da efetivação dos objetivos da vida. Essas atividades demandam do jovem uma grande reflexão sobre a sua vida e a necessidade de estabelecer planos para o futuros, portanto a elaboração de um projeto de vida é uma das questões centrais no desenvolvimento psicológico dos jovens.

Portanto, a construção e a efetivação do projeto de vida não dependem exclusivamente deles, mas também, de outros sujeitos. Por conseguinte, as políticas sociais têm um papel fundamental em impulsionar a capacidade dos jovens em elaborar o projeto de vida, de forma consciente e autônoma.

Além disso, a edificação do projeto de vida não é inerte, dado que considera as primordialidades e as possibilidades da vivência de cada cidadão, abrangendo o seu presente e passado (Costa, 2017). A elaboração do plano individual envolve-se com uma ou mais das diversas dimensões, bem como às áreas: profissional, educacional, afetiva e familiar, distanciando-se assim, de um projeto de vida visionado pelo neoliberalismo, que tenciona apenas à área profissional, atualmente propiciado nas escolas públicas de tempo integral da rede estadual de ensino de SP.

4. GÊNERO E SEXUALIDADE NA SOCIOEDUCAÇÃO

As discussões no que refere-se ao gênero e seus desdobramentos em torno das sexualidades têm aumentado (Facchini, 2005; Machado, 2007; Norkevicius, 2020). Nesse sentido, inúmeras teorias e pesquisas buscam conceituar o gênero.

Segundo Gomes (2008); Gontijo; Medeiros (2009), o gênero é analisado como uma construção social da relação entre os sexos, caracterizada pelos dispositivos e ações materiais e simbólicas, físicas e mentais, em que vincula-se aos papéis socialmente construídos e as definições e expectativas, apropriadas por uma determinada sociedade, sendo: *o ser homem* - masculinidade; *o ser mulher* - feminilidade. De acordo com Beauvoir (1970), a mulher e o homem não nascem propriamente prontos, mas tornam-se a partir da feminilidade e da masculinidade, uma vez que a autora busca descartar qualquer determinismo "natural" ou "biológico" da conduta feminina.

Entretanto, Butler (2015) afirma que o gênero é performativo, produzido por modos de agir identificáveis, como masculinos e femininos, sendo a principal norma na produção das identidades de gênero é a obrigatoriedade da heteronormatividade. Em outras palavras, para serem reconhecidos socialmente como homens ou mulheres, é preciso que estes alcancem uma condição de manifestação pública de comportamentos associados à masculinidade e à feminilidade.

Em consonância com Butler (2015), Gomes (2018) expõe que a teoria da performatividade não é apenas um ideal heteronormativo, mas também um ideal branco, dado que a raça, sexo e gênero são categorias fundamentais para identificar como a sociedade atribui sentidos e significados ao *ser homem* e ao *ser mulher*, em um sistema de colonialidade que categoriza e difere os corpos em uma construção binária.

Como por exemplo, a construção de estigma em cima da mulher negra, em que esta estigmatização a define como *"má"*; *"violenta"*; *"raivosa"*; *"um corpo hipersexualizado ligado ao prazer masculino"*, em que de acordo com hooks (2015), o objetivo está vinculado ao sistema capitalista e a colonialidade. Essa concepção também está relacionada às ideias de Moore (1997), em que o gênero não é o único eixo de diferenciação social em uma sociedade, em que deve-se considerar, também, os aspectos em que envolvem a classe e as relações étnico-raciais.

Já, segundo os autores, Reis; Pinho (2016), o gênero detém um conceito complexo, em que em sua multiplicidade de discursos e produtos de cultura, é possível compreender do que seja *ser homem* e *ser mulher*. Nesse sentido, a identidade de gênero se descreve na concepção

individual de *"sou homem"*, *"sou mulher"* ou *"sou um gênero à parte dessas opções"*, enquanto "a expressão de gênero é a representação física – incorporada – dessa identificação" (Reis; Pinho; p. 10, 2016). Em síntese, as autoras elucidam o gênero como um *espectro,* entendendo-o como flutuante entre os pólos, feminino e masculino, ou ainda, em nenhum deles, mas "essas flutuações também são pensadas para as relações afetivas e/ou sexuais dos sujeitos, por vezes também abandonando as delimitações de orientação sexual" (Reis; Pinho; p. 14, 2016).

Igualmente, Reis; Pinho (2016), afirmam que o gênero é uma categoria de leitura da sociedade e um aspecto constituinte dessa construção sociocultural é a estrutura em que se apresenta e se constrói de modo binário, possuindo como possibilidades: *o masculino e o feminino*, como também descreve Gomes (2018). Segato (1998); Reis; Pinho (2016), relatam que essa construção provém de um suposto determinismo biológico, "no qual os corpos são entendidos no dimorfismo macho-fêmea" (Reis; Pinho; 2016, p. 11).

Para Bernini (2011), a construção da identidade provém do sexo, gênero e orientação sexual, em que são determinados pelo binárismo, em que os sujeitos são transportados ao enquadramento dos polos sexuais biológicos (macho ou fêmea, possuindo como base: constituição genital), nos polos de gênero (papéis sociais de homens ou mulheres) e na orientação sexual (voltando o prazer para o desejo heterossexual), relacionando assim, com a heterormatividade.

De acordo com Segato (1998); Butler (2015), o estabelecimento do poder e a naturalização dos corpos, gêneros e desejos resulta da heteronormatividade, em que define-se como uma imposição social para ser ou se comportar segundo os papéis de cada gênero, em que vincula-se a dominação e submissão. Segundo Reis; Pinho (2016), "a partir de estudos etnográficos dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres em diferentes épocas e sociedades, constatamos uma relação de dominação e submissão entre os gêneros" (Reis; Pinho, 2016, p. 12).

Entretanto, Moore (1997) afirma que os trabalhos antropológicos enfatizam que é uma imprecisão supor que todas as sociedades tenham um único modelo ou único discurso de gênero e relações de gênero. Nessa perspectiva, o presente trabalho partirá das concepções de gênero e relações de gênero presentes na sociedade ocidental, especificamente no Brasil.

Nesse sentido, as relações de gênero referem-se às relações sociais de poder entre os sujeitos na sociedade, principalmente no que tange homens e mulheres. Conforme Norkevicius (2020), "as chamadas relações de gênero, baseadas nestas hierarquias, em geral, dependem, como qualquer formato de opressão, de violência para seu modelo de imposição"

(Norkevicius, 2020, p. 371 e 372). Isso significa que para a materialização desta estrutura e hierarquização, é necessário a dominação masculina em diversos aspectos, como por exemplo, aos comportamentos sociais, estereótipos e sentidos dispostos aos homens e as mulheres.

Através da masculinidade, a sociedade personifica o homem como um sujeito forte, dominador e que tem incumbência de ocupar espaços de trabalho. Todavia, a mulher está restrita ao ambiente doméstico, em que tem como missão: cuidar da casa e promover a educação dos filhos. Além disso, a figura feminina necessita ser emotiva, frágil e subserviente (Saffioti, 1987). Segundo Saffioti (1987), é nesse contexto que se reproduzem as desigualdades de gênero.

Relacionando as dominações de gênero e a socioeducação, Norkevicius (2020), descreve que os papéis de gênero são oriundos de uma construção histórico-social, em que perpassam a sociedade e também, as ações do Estado nas instituições socioeducativas, de maneira que a relação entre gênero e infração é "perpassada por estereótipos que buscam reafirmar os padrões socialmente impostos, com desdobramentos que contribuem para a ocorrência de discriminações e violações de direitos nas instituições de atendimento socioeducativo" (Norkevicius, 2020, p. 446), possuindo como fundamento desigualdades estruturais de gênero que reafirmam a dominação-opressão, heteronormatividade e o racismo.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2015), denominada como "Dos espaços aos direitos: A realidade da ressocialização na aplicação das medidas socioeducativas de internação das adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei nas cinco regiões", o sistema da socioeducação dispõe um padrão, em que adolescentes pobres, majoritariamente negros e moradores de bairros periféricos constituiem e fazem parte da medida socioeducativa no Brasil.

Quando analisadas as diferenças e semelhanças quantitativas da inserção de adolescentes do gênero masculino e de adolescentes do gênero feminino na medida socioeducativa, segundo o Relatório da Pesquisa Nacional das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto no Sistema Único de Assistência Social (MDS, 2018), os meninos correspondem a um total de 104.143, enquanto as meninas representam um conjunto de 13.104 indivíduos.

Ainda, de acordo com o mesmo relatório, os tipos de atos infracionais não diferem muito pelo sexo[1], sendo o tipo de ato infracional igual: tráfico, roubo e furto respectivamente, na Medida Socioeducativa em Meio Aberto. Similarmente, de acordo com o CNJ (2015), os atos infracionais que desencadeiam o maior número de internações em regime fechado são:

[1] Termo designado no relatório para diferenciar as/os adolescentes.

homicídio, roubo e tráfico de drogas. No estado de São Paulo, registra-se um percentual de medida aplicada para o caso de tráfico de drogas que chega a mais de 70%, quando tratado de meninas.

Nesse sentido, podemos problematizar a questão da inserção de adolescentes e jovens na socioeducação: Se meninos e meninas são autores dos mesmos atos infracionais, porque existe um número elevado de indivíduos do gênero masculino cumprindo a medida socioeducativa?

Conforme Davis (2018), a punição social reservada às mulheres é no âmbito privado, denominado como “domesticidade”, uma vez que os homens são punidos nas esferas públicas e as mulheres enfrentam métodos de regulação que são aplicados principalmente dentro do ambiente privado, no suposto "santuário" do lar. Conforme a filósofa, a violência doméstica e a influência imposta pelos homens sobre as mulheres atuam como mecanismos disciplinares dentro dos limites pessoais das relações.

Assim, as mulheres estão menos propensas a responder por seus atos infracionais enquanto protagonistas, pois são já tolhidas antes mesmo de chegarem ao sistema de justiça (MDS, 2018). Todavia, conforme o relatório do Ministério do Desenvolvimento Social, é notável a dupla estigmatização que as mulheres sofrem na intercessão gênero-criminalidade, visto que as mulheres são vistas como “naturalmente” amáveis, maternais e dóceis (Saffioti, 1987) e o ato infracional aparece como uma negação à feminilidade e a “própria natureza da mulher”.

Ainda de acordo com o relatório do Conselho Nacional de Justiça (2015), é notável diferenças no que diz respeito às existências e vivências dentro das unidades de internação. Mesmo que a presente pesquisa de trabalho de conclusão de curso tenha como objetivo a investigação da influência das relações de gênero no cumprimento das medidas socioeducativas em Liberdade Assistida, é imprescindível a compreensão em todas as esferas.

Quando refletido sobre sentimentos, o relatório do CNJ (2015) revela a existência de uma percepção de que as adolescentes são mais emotivas e afetivas, formando uma rede de relacionamentos mais complexas entre elas e em relação aos funcionários. No entanto, apesar dos meninos serem mais violentos, estes adolescentes são mais respeitosos e fáceis de lidar no cotidiano, por serem mais “objetivos” e “menos emocionais”, enquanto as adolescentes são mais contestadoras.

De acordo com as colaboradoras participantes do estudo CNJ (2015), esse comportamento contestador é derivado de uma necessidade de disputas, em que para elas, é

inerente ao gênero feminino, demonstrando uma característica do sistema patriarcal e misógino.

Tratado da profissionalização, cursos e atividades oferecidas, o relatório (2015) descreve que existe uma reprodução de estereótipos do que seriam profissões femininas e atividades femininas, atrelado à reprodução e a feminilidade, como o "dia da beleza" e cursos como: de camareira, manicure e artesanato. Sem levar em consideração atividades que façam sentido e tenham significados às vidas e aos contextos das meninas.

Ainda, é possível verificar outro exemplo de reprodução de atividades denominadas como femininas, como a realização das tarefas de limpeza, alimentação e outras que ordinariamente são consideradas como domésticas. Paralelamente, é observável um discurso de que as unidades masculinas seriam mais limpas em relação às femininas, justificável pela expressão de que as meninas seriam mais "sujas" por menstruarem[2].

No que tange à sexualidade, no relatório do Conselho Nacional de Justiça (2015), as meninas apresentam posicionamentos mais tolerantes em torno da orientação sexual, quando comparado aos adolescentes meninos. Isto significa que os relacionamentos sáficos - ou sapataria[3] - no interior das unidades femininas é bastante comum, embora proibido e passível de sanções disciplinares.

Em todas as unidades pesquisadas, foram encontradas adolescentes que se chamam de "boy", "menina-menino" e "machinho", por assumirem uma identidade masculina. Nesse sentido, verifica-se uma disputa entre as meninas-meninas, ou seja, aquelas que personificam a identidade feminina, pelas "boys", uma vez que consideram as meninas-menino como sujeitos do gênero masculino, como é possível verificar neste trecho,

> Em Pernambuco, a demarcação desses lugares ficou mais evidente que em outros locais, já que as meninas não utilizam uniformes. Os "boys" usam bermudas, camisas largas, tops apertados. As que não se apresentam como "boys", estão, em geral, de shorts curtos, camisetas e maquiadas, com o corpo à mostra. Em uma ocasião, como se fosse propositalmente deixar claro os seus papéis, um dos "boys" repreendeu a adolescente por falar palavrão, dirigindo-se à pesquisadora: "eu como homem tenho que respeitar as moças (Conselho Nacional de Justiça, 2015, p.178)

Assim, o relatório apresenta as relações entre as adolescentes, identidade de gênero masculina, homoafetividade transitória, a heteroafetividade compulsória, as disputas entre as adolescentes pelas chamadas "meninas-menino" e como a institucionalização nessas unidades moldam esses fenômenos.

---

[2] Compreende-se nesta parte que o relatório traz a concepção de meninas cisgêneros, em que possuem o aparelho reprodutor.
[3] Termo utilizado pelas adolescentes para designar relacionamento sexuais e/ou amorosos entre meninas.

Portanto, é observável que exista influência das concepções de gênero, sexo e sexualidade na existência e vivência das meninas, diferenciando e distanciando-se dos adolescentes meninos, na socioeducação, revelando-se assim, a assimetria de gênero no cumprimento da medida socioeducativa.

5. METODOLOGIA

A pesquisa refere-se a uma perspectiva qualitativa, uma vez que de acordo com Minayo (2002), a pesquisa qualitativa responde a muitas questões particulares, demonstrando um trabalho com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, distanciando-se da operacionalização de variáveis, uma vez que corresponde a um profundo espaço das relações sociais.

À vista disso, o presente estudo tem como caráter exploratório, em que tem como objetivo o esclarecimento e desenvolvimento de ideias, obtendo o oferecimento de uma visão panorâmica de um fenômeno pouco explorado (Gonsalves, 2003). Desse modo, também, a investigação tem especificidade de uma pesquisa participativa, uma vez que propõe a efetiva participação da população pesquisada no processo de geração de conhecimento (Gonsalves, 2003), como também da pesquisadora.

Portanto, nesta modalidade de estudo, utiliza-se a pesquisa-ação (Thiollent, 2011) como método de investigação. De acordo com Thiollent (2011, p.20),

> pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (Thiollent, 2011, p. 20)

Nessa perspectiva, os participantes têm papel fundamental e ativo no processo de solucionamento dos problemas encontrados, isto é, desempenham um papel ativo na própria realidade dos fatores observados, mediante a intervenção dos pesquisadores.

Diante disso, durante o período de 2 (dois) anos, a pesquisa realizou-se com 75[4] (setenta e cinco) jovens e adolescentes em conflito com a lei, que foram acompanhados pelo Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) e que frequentam escolas públicas em um município do interior paulista divididos em três grupos. Em cada grupo, existiu a presença, aproximadamente, de 15 (quinze) jovens e adolescentes. No entanto, os dados foram previamente levantados durante a execução da pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC CNPq - Edital n°04/2022), sob o projeto "Teatro do Oprimido, Direitos Humanos e Relações de Gênero: A construção do Projeto de Vida com Jovens em cumprimento de Medidas Socioeducativas" e aprovado pelo CEP (CAAE: 68264423.0.0000.5465).

[4] O número de participantes é maior, todavia, devido ao egresso e a sanção dos jovens participantes, foi usado um critério de seleção para analisar os PIAs. Portanto o critério utilizado foi: ter participado de 3 ou mais oficinas.

A divisão dos participantes ocorreu sob a responsabilidade do serviço da execução das medidas socioeducativas. Todavia, por efeito ao egresso[5] e a sanção[6] dos jovens participantes, os grupos se locomoveram a comporem novas formações frequentemente. Foram realizados grupos de discussões com os adolescentes e jovens sobre a vida, às expectativas, sonhos e o contexto real de vida de cada participante, abordando também as ações voltadas para a construção do Projeto de Vida, tanto as que já estão em prática como as que poderão ser propostas no processo.

As oficinas foram pensadas e idealizadas pelo grupo de pesquisadoras, utilizando-se dos processos e ideias de Boal (2019), sobre palavra, imagem e som, permeando as metáforas, presentes na metodologia cênico-pedagógica, Teatro do Oprimido. Isso significa que as atividades foram estabelecidas refletindo-se sobre a concepção de que "Arte que não é adorno, Palavra não é absoluta, Som não é ruído e as Imagens falam" (Boal, 2009, p. 5), visto que a tríade que compõe a Estética do Oprimido permeia a vida social.

Mediante a todas as outras formas de expressão e linguagens, foram estabelecidos temas que levassem em consideração metáforas que relacionassem as vivências, Identidades e Projetos de Vida dos *espect-atores* participantes, posto que a criação artística demonstra um novo conceito e impulsiona a habilidade dos integrantes dos grupos em criar metáforas, representando a realidade a partir de suas próprias perspectivas (Boal, 2009), isto significa que os *especto-atores* participantes pudessem realizar uma observação crítica do real com a produção de saber, atrelando as suas vivências e resistências.

Ainda, para o desenvolvimento aprofundado da pesquisa, foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas, de aproximadamente quarenta minutos, com 7 (sete) adolescentes meninos e 1 (uma) adolescente menina que frequentaram o CREAS durante o estudo. Em que de acordo com Gil (2019),

> Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à pesquisa. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (Gil, 2019, p.125)

Ainda, as entrevistas semi-estruturadas se referem "às entrevistas abertas, em que as perguntas são previamente estabelecidas, mas não são oferecidas alternativas de resposta. Os entrevistadores podem respondê-las livremente" (Gil, 2019, p. 128).

---

[5]Egresso tem como significado: jovem e adolescente que cumpriu medida socioeducativa.

[6]Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescento (artigo 122, inciso III), quando o adolescente não cumpre medida socioeducativa que lhe fora imposta anteriormente, após o devido processo legal, é previsto a medida de internação, sendo aplicada "por descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta".

Também foram analisados os Planos Individuais de Atendimento (PIA) das(os) mesmas(os), sendo importante ressaltar que a entrevista só ocorreu com uma participante devido a circunstância de ser a única existente na medida socioeducativa (LA) naquele momento da pesquisa. As entrevistas tinham como objetivo investigar e identificar o conhecimento e opinião dos jovens sobre gênero e sexualidade, além de suas projeções de futuro.

Os dados coletados e as atividades desenvolvidas com os adolescentes foram registrados em diário de campo pelos membros integrantes da Pesquisa, organizados e foram analisados conforme Análise de Conteúdo de Bardin (2010). No sentido de que "a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça" (Bardin, 2010, p.45).

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 Participantes: Quem são?

Os dados aqui apresentados, foram analisados a partir da investigação em torno das informações contidas no Plano Individual de Atendimento (PIA) dos/das adolescentes e jovens participantes da pesquisa. Nesse sentido, foram explorados setenta e cinco (75) prontuários, no período de dois (2) anos, em que continham informações referentes a idade, sexo, raça, escolaridade, trabalho, ato infracional, tempo de medida, bairro em que residem, com quem residem, projeto de vida e outras informações pertinentes.

Por conseguinte, verificou-se que 88% dos participantes eram do sexo masculino, em que se apresentam como Homem Cisgênero[7], já as participantes do sexo feminino, na qual se mostram como Mulher Cisgênero correspondem a 12% dos integrantes da pesquisa. No que refere-se a idade das/dos jovens, resultou-se que a maior concentração estava no período entre 16 e 17 anos, e a menor quantidade estava entre 13 e 14 anos, como é mostrado no quadro abaixo,

Quadro 1 - Relação entre quantidade de participantes e Idade

IDADE	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES
13	2
14	3
15	7
16	21
17	27
18	9
19	6

Fonte: Plano Individual de Atendimento (2022; 2023)

Em vista disso, constatou-se que as meninas possuem a idade entre 15 e 19 anos, com uma maior concentração entre 16 e 17 anos, como é exibido abaixo,

[7] O termo “cisgênero” é usado para definir pessoas que se identificam com o gênero que é designado quando nasceram , o qual é associado socialmente ao sexo biológico.

Quadro 2 - Relação entre quantidade de participantes meninas e Idade

IDADE	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES MENINAS
15	1
16	4
17	2
18	1
19	1

Fonte: Plano Individual de Atendimento (2022; 2023)

Nesse sentido, estes dados são similares aos apresentados pela Pesquisa de Medida Socioeducativa em Meio Aberto, realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social em 2018, em que constatou que 88% dos jovens e adolescentes em cumprimento da medida socioeducativa em Liberdade Assistida eram do sexo masculino. No que refere-se a idade, 46% dos adolescentes têm entre 16 e 17 anos.

No que concerne à declaração etnico-racial dos participantes, segundo os dados obtidos no PIA, foi constatado que 57,33% dos participantes totais da pesquisa são brancos, 33,33% são pardos, 8% são pretos e 1,33% não constam informações. Nesse sentido, as meninas declaradas brancas correspondem a 6,67%, enquanto as garotas pretas e pardas correspondem a 1,33% e 4% da pesquisa, respectivamente.

Abaixo, é possível verificar a relação entre quantidade de participantes e declarações etnico-racial,

Quadro 3 - Relação entre quantidade de participantes e declarações etnico-racial

QUANTIDADE	BRANCO	PRETO	PARDO	NÃO CONSTA
Geral	43	6	25	1
Meninos	38	5	22	1
Meninas	5	1	3	0

Fonte: Plano Individual de Atendimento (2022; 2023)

Entretanto, é imprescritível analisar estes dados para além de uma observação quantitativa, uma vez que de acordo com profissional que é a técnica de referência da medida socioeducativa (LA) do CREAS pesquisado, essas informações foram fornecidas pela Secretaria de Educação Regional e também, pela declaração por parte dos colaboradores que

estão presentes no trabalho socioeducativo, sem nenhuma apreciação ao pertencimento racial e etnico das/dos jovens.

Em outras palavras, as informações apresentadas acima, nos revelam uma faceta do racismo institucional, em que inclina-se ao embranquecimento da sociedade, desvirtuando-se do sentimento de pertencimento e autodeclaração das/dos jovens, levando em consideração apenas, a cor de suas peles e o embranquecimento da mesma.

Quanto ao que se refere aos Atos Infracionais, foi constatado que Tráfico e Roubo qualificado mostram-se com um número mais elevado, sendo 58 e 6, respectivamente. Todavia, outros atos como ameaça, dano, roubo, porte ilegal de arma, homicídio e estupro de vulnerável também aparecem. Como é mostrado abaixo,

Quadro 4 - Relação entre quantidade de participantes e ato infracional

ATO INFRACIONAL	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES
Ameaça	1
Dano	1
Roubo Simples	1
Roubo	1
Porte ilegal de arma	1
Homicídio e ameaça	1
Roubo qualificado e Tráfico	2
Estupro de Vulneravel	3
Roubo qualificado	6
Tráfico	58

Fonte: Plano Individual de Atendimento (2022; 2023)

Nesse sentido, as meninas são autoras de atos infracionais que estão relacionadas ao tráfico, dano, roubo e roubo simples, em que o primeiro possui a quantidade de 6 jovens e o restante de apenas uma. Assim, é constatado uma semelhança entre os dados aqui apresentados e o da Pesquisa de Medida Socioeducativa em Meio Aberto (MDS, 2018), em que existe uma maior concentração de atos infracionais em: tráfico, roubo e furto respectivamente, além de não diferir muito pelo sexo[8].

[8] Termo utilizado na Pesquisa de Medida Socioeducativa em Meio Aberto (MDS, 2018).

Relativamente, aproximadamente, 27 jovens são reincidentes, sendo: 2 meninas e 25 meninos. Todavia, dos 75 participantes da pesquisa, 4 adolescentes não constam informações sobre *ser* ou *não* reincidentes. Esses dados também revelam que os atos praticados não são em grande número de atentados contra a vida, o que reduz a gravidade.

Outro aspecto analisado no Plano Individual de Atendimento, refere-se ao trabalho, em que foram observados que 18 participantes possuem alguma atividade laboral. Deste número, 16 são do gênero masculino e 2 são do gênero feminino. Além disso, dois adolescentes não possuem informações se trabalham ou não. Mas, é imprescindível afirmar que este número pode apresentar variações, uma vez que os prontuários não são requalificados constantemente com as mudanças ocorridas nas vidas das/dos jovens.

Nesse sentido, a questão no que relaciona-se a educação formal também não apresenta atualizações nos prontuários dos jovens, visto que devido ao abandono da escola e às constantes mudanças das instituições em que os alunos estão inseridos, foi possível verificar que os dados cadastrais não estavam atualizados, o que ocasiona um déficit no trabalho conjunto entre o Centro de Referência Especializado em Assistência Social e as unidades educacionais do município, visando a ressocialização da/do jovem, mas também a garantia do direito à educação, garantido na Constituição Federal (Brasil, 1988), no Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) e no Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Brasil, 2012), como é possível observar no trecho abaixo,

> Art. 8º Os Planos de Atendimento Socioeducativo deverão, obrigatoriamente, prever ações articuladas nas áreas de educação, saúde, assistência social, cultura, capacitação para o trabalho e esporte, para os adolescentes atendidos, em conformidade com os princípios elencados na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). (BRASIL, 2012).

Já no que tange às informações sobre o contexto familiar, verificou-se que a quantidade de participantes que possuem filhos, é de 14 adolescentes, sendo: 5 jovens meninas e 4 jovens meninos, como é possível observar no quadro abaixo,

Quadro 5 - Relação entre quantidade de participantes e filhos

QUANTIDADE	POSSUEM FILHOS	NÃO POSSUEM FILHOS
Meninas	5	4
Meninos	4	62
Geral	9	66

Fonte: Plano Individual de Atendimento (2022; 2023)

Ainda, observou-se que das 5 jovens que possuem filhos, 3 engravidaram ao longo do cumprimento da medida socioeducativa; 1 adolescente se tornou genitora antes do processo socioeducativo, levando seu filho, de aproximadamente 3 anos de idade, ao CREAS; e 2 engravidaram um momento antes da medida e tiveram seus filhos durante o cumprimento, sendo que 1 teve um bebê natimorto.

Constatou-se também que 4 das 5 adolescentes-mães, foram autoras de atos infracionais relacionados ao tráfico de drogas e 1 relacionada ao roubo. Similarmente, todos os jovens que são genitores também estão envolvidos com o ato infracional de tráfico de entorpecentes.

No tocante à responsabilidade dos filhos, foi constatado que as mulheres possuem uma maior obrigação, uma vez que 2 dos filhos dos genitores moram com as mães, 1 com a avó paterna e 1 mora com o pai, em um ambiente familiar conflituoso, dado que o jovem apresenta comportamento violento a sua companheira, como consta no Plano de Atendimento Individual. Já na realidade das adolescentes-mães, foi constatado que elas possuem a atribuição no cuidado dos filhos.

Nesse sentido, também foi verificado com quem mora cada adolescente participante do estudo, existindo um maior predomínio de moradia dos jovens com figuras femininas, como mães e avós.

Quadro 6 - Relação entre quantidade de participantes e com quem mora[9]

COM QUEM MORA	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES
Mãe	33
Mãe e Avó	10
Pai e mãe	10
Companheira (o)	5
Avó	4
Pai e avó	3
Pai	2
Mãe e pai (quinzenalmente)	1
Irmãos	1
Madrinha	1
Tia	1
Irmã e Amiga	1
Não consta	3

Fonte: Plano Individual de Atendimento (2022; 2023)

Ainda, foi observado que as participantes do gênero feminino apresentam um maior predomínio em residir com mães e cônjuges, como é apresentado no quadro abaixo,

[9] É importante frisar que os jovens também moram com outros indivíduos, mas neste momento foi focado apenas em alguns indivíduos. Por exemplo: na linha mãe, o jovem mora com outros sujeitos que não se enquadram como avó ou pai, mas podem morar com tias, sobrinhos, irmãos, entre outros.

Quadro 7 - Relação entre quantidade de participantes meninas e com quem mora

PARTICIPANTE DO GÊNERO FEMININO	COM QUE MORA
1	Irmã; Amiga
2	Namorado
3	Mãe e irmãos
4	Mãe; Tia; Tio; irmã e Primo
5	Marido e filho
6	Mãe e irmãos
7	Mãe, avô, irmão, irmão e sua filha
8	Mãe, pai e irmão
9	Mãe, irmãos, padrasto

Fonte: Plano Individual de Atendimento (2022; 2023)

Também foi constatada as regiões em que as/os jovens residem. Nesse sentido, observou-se que estas/estes adolescentes geralmente moram em áreas periféricas, afastadas dos centros urbanos.

Em síntese, observou-se a partir das análises do Plano Individual de Atendimento, que os jovens em cumprimento de medidas socioeducativas são majoritariamente homens cisgêneros, possuindo entre 16 e 17 anos de idade, em que são autores de atos infracionais pelo tráfico de drogas e residem em regiões periféricas com mães e avós.

6.2 Identidade e Estigma

À medida em que se investiga as projeções de vida, a curto, médio e longo prazo dos jovens e adolescentes, é fundamental estabelecer reflexões sobre as suas vidas, principalmente no que diz respeito às suas Identidades. Em outras palavras, é imprescindível avaliar as trajetórias de vida e de tudo aquilo que a permeia, como interesses e orientações. De acordo com Dantas (2017), a temática em torno da Identidade está entre as discussões mais complexas no campo da Psicologia, possuindo diferentes linhas de pensamentos.

No entanto, a abordagem aqui apresentada será apoiada na teoria ciampiana. Segundo Dantas (2017), a identidade não se restringe apenas ao nome das pessoas, ou seja, nossos nomes é uma representação da nossa identidade, em que se possui um significante e um significado para alcançar essa representação.

Nesse sentido, a Identidade está relacionada a uma necessidade de uma convivência dialética, entre “como os outros me veem” e “o que eu represento”. Portanto, Dantas (2017) coloca que a Identidade é *algo* socialmente construído, sendo um processo contínuo de metamorfoses, devendo ser orientadas para a emancipação, buscando projetos de vida que movam os sujeitos a uma condição de autonomia frente ao sistema.

Relativamente, Dantas (2017), descreve que o termo “política de identidade” de Erving Goffman, é um conceito relevante para compreender questões em torno da identidade, relacionando-se com os indivíduos portadores de algum estigma. Para Goffman, segundo Dantas (2017), o indivíduo “estigmatizado” frequentemente é concebido como uma identidade pressuposta, comum a todos os portadores daquele estigma, em que não necessariamente coincide com a sua maneira de ser e de agir.

Nesse sentido, a partir das concepções ciampianas apresentadas por Dantas (2017), foi observado semelhanças entre os jovens participantes, como: trajetória escolar árdua e o sentimento desfavorável em relação à escola; visões de recusas aos governos atuais e a polícia; existência de violências e de direitos violados pela sociedade; concepções de sexualidade, raça, gênero e classe similares; relação entre estilo e Cultura.

Neste sentido, as/os adolescentes carregam em seus vestuários e em suas peles, as marcas de quem são e do que gostam, sendo um estilo visionado como diferente e que é estigmatizado e excluído pela sociedade. Em suas vestimentas, os meninos utilizam chinelos ou tênis, calças jeans ou bermudas tactel, camisas de times de futebol e de marcas. Já as meninas utilizam shorts e calças jeans, blusas regatas ou cropped.

Ainda, estas/estes jovens apresentam um interesse musical do cenário do Funk e do Rap, em que (re)produzem um estilo denominado como “chavoso”. Além de mostrarem e identificarem em suas peles, desenhos e palavras que apresentam simbologias e significados de quem são, de onde vieram e o que almejam, como é possível observar na imagem abaixo,

IMAGEM 2 - Vestimenta das/jovens



Fonte: Silva, 2022

Segundo Guimarães (2014), os adolescentes autores de atos infracionais estão inseridos em contextos marcados pela vulnerabilidade, violência, solidariedade, exclusão de direitos e pobreza, em que as circunstâncias agem diretamente na constituição da Identidade. Contudo, estas Identidades Sociais *são* e *estão* estigmatizadas, permeando a criação de estereótipos aos jovens, transpondo intervenções em suas subjetividades, como nas auto concepções e percepções sociais, compartilhando assim, das ideias apresentadas por Dantas (2017).

Nesse sentido, as marcas de *quem são* e de *onde vem*, reproduzem a estigmatização e os estereótipos destes jovens, classificando-os como *"criminosos"*, *"menores"* e *"marginais"*. Como é possível verificar no trecho abaixo, que ocorreu durante a roda de conversa durante a oficina de basquete, na qual a temática percorreu em torno de estereótipos,

> Nesse momento, voltou-se a discutir o racismo e o preconceito.
> -Pesquisadora: "Já sofreram preconceito ou racismo?"
> -Edgar: "Todo dia"
> -Lourenço: "Claro, por conta da roupa, de onde nois vem"
> -Edgar: "Man, até aqui mesmo no CREAS, não lembro quem perdeu o celular e que me acusou, não levo para coração nem nada, já até esqueci. Mas um dia, alguém deixou o celular em algum lugar, eu tava indo embora e a pessoa achou que era eu, mesmo eu falando que num era, aí eu falei "procura direito". Depois a pessoa achou o celular" (Diário de Campo, p. 68, 2022)

Além disso, o jovem Lourenço afirmou que sofreu situações semelhantes na escola, que quando desaparecia algum aparelho celular na instituição, alunos e colaboradores colocavam a culpa no adolescente e queriam revistar a sua mochila. Também, Edgar comentou que vivenciou situações semelhantes na escola, mas relacionado ao uso de

maconha, uma vez que o jovem fumava antes do horário de aula e a coordenação pedagógica queria o revistar para constatar se existia a presença de narcóticos em sua bolsa.

Nesta mesma oficina, Lourenço comentou que foi seguido durante a sua permanência em um centro comercial de sua cidade, uma vez que necessitava de atendimento público no serviço estadual Poupatempo, para a aquisição da 2º via de seus documentos e o serviço ficava localizado neste estabelecimento comercial. Outro jovem participante também destacou que sofreu preconceito em lojas do município,

> O tempo todo, Luiz se manteve quieto e escutando o que estava acontecendo. A pesquisadora, iniciou um diálogo com ele, perguntando se ele já havia sofrido racismo e preconceito.
> -Luiz: "Já sofri preconceito em loja"
> -Pietro: "Por isso que nóis não gosta das lojas no centro, só da quebrada". (Diário de Campo, p.69, 2022)

Portanto, de acordo com os jovens, devido às discriminações constantes em razão das suas Identidades estigmatizadas, eles preferem frequentar espaços em que se identificam, como os ambientes localizados em seus bairros, bem como as rodas de pagode e as partidas de futebol. Assim, os estigmas contribuem para a segregação socioespacial de uma parcela da juventude pobre.

Nesse sentido, a identidade social estigmatizada orienta a vida destes jovens, apesar de não determinar que e quais caminhos eles devem seguir, todavia, limita as alternativas que possuem (Guimarães, 2014). Em outras palavras, os jovens modificam os seus percursos em virtude dos estereótipos da sociedade, além de inserirem uma imagem rejeitada de si e de seus pares, auto definindo-se como *"burros"* e fortalecendo os seus "defeitos" pessoais.

A percepção sobre eles mesmos, expressam em suas falas, apenas seus "defeitos", segundo eles e não suas qualidades, revelando novamente a estigmatização e a influência social em suas autopercepções, em outras palavras, os jovens se declaram como: *"ruim", "imperfeito", "antissocial", "arrogante", "quero ajuda de ninguém"* (Diário de Campo, 2022). Essa circunstância é expressa em uma oficina sobre Direitos Humanos e Infância, acontecida em 2023.

Para iniciar a dinâmica, os adolescentes foram convidados a falarem uma características com a letra inicial de seus nomes e realizarem um movimento utilizando as mãos que os representassem. Durante este momento, eles sentiram dificuldades em se expressarem através de suas mãos, porém, eles falaram as seguintes palavras: *"casa"; "sonhador", "cachorro", "vagabundo", "bravo", "cansado", "rueiro", "joia", "bagunceiro"* (Diário de Campo, 2023, p. 115). Marina, a única menina do grupo, afirmou

que não sabia o que a representava, todavia, o grupo de pesquisadoras falaram que a palavra "linda" poderia a representar e a garota respondeu que não, demonstrando assim, uma baixa autoestima.

Outro instante a ser referido é em torno da indagação da pesquisadora sobre *o que eles são* e *quem eles são*. O jovem Iracir respondeu que ele é *"bandido"* e *"menor"*. Paralelamente, Yuri respondeu que eles são *"menor*", mesmo eles não gostando da terminologia (Diário de Campo, 2023, p. 116). Segundo Dantas (2017), Erving Goffman "sugere que os indivíduos estigmatizados são "obrigados" a adotar uma política de identidade, uma forma de ser e agir meio que "comum", inautêntica, a qualquer um que possua aquele estigma" (Dantas, 2017, p. 3), ou seja, devido ao estigma social, estes jovens são obrigados a performar um formato de ser e agir.

Já quando perguntados sobre suas qualidades, eles revelam que: *"não sei", "só tenho coisa ruim"* (Diário de Campo, 2022). No entanto, as suas visões se modificam quando algum outro jovem revela a qualidade do colega, mostrando que a aceitação de pares é importante para eles. Isso indica que a interação social, isto é, da interação com outros sujeitos e com o meio social influencia diretamente na constituição da Identidade dos jovens, e posteriormente, na construção de seus projetos de vida, como é possível verificar no trecho abaixo, em que a pesquisadora anteriormente havia perguntado sobre os defeitos que os adolescentes observavam em si mesmos e posteriormente, realizou a indagação referente às qualidades.

> -Pesquisadora: "E as qualidades?"
> -Lourenço: "Coloco no lugar dos outros"
> -Edgar: "Não sei, sla. Só tenho coisa ruim"
> -Lourenço: "Que nada man. Você me atendeu mó bem[10]"
> -Edgar: "Acho que só a humildade"
> -Pietro: "Também" (Diário de Campo, p.67, 2022)

A estigmatização de suas identidades está presente nas transformações de suas Individualidades, principalmente a têxtil, em função das projeções sociais, como demonstra Diogo,

> Finalizando o encontro, os meninos comentaram sobre as vestimentas, em que muitas vezes precisam mudar seus estilos, mesmo que seja difícil por conta das tatuagens.
> -Edgar: "Pra trabalhar uso um tipo de roupa, pra quebrada é outro. Meu pai nem gosta que uso bermuda jeans para trabalhar"
> (Diário de Campo, 2022, p.69, grifos nossos)

[10] Se referindo ao dia que o Edgar estava trabalhando na loja de seu padrasto.

Entretanto, ainda quando discutido sobre as suas Identidades, os adolescentes participantes da pesquisa apresentaram demandas em utilizar-se de produtos *ostentação*, como roupas e sapatos de marcas, bebidas, automóveis e casas, no sentido de demonstrarem a *ostentação* e o poder envolvido em seus estilos de vida, em que alguns desses bens constituem-se como "símbolos da juventude", abrangendo itens de vestuário e de lazer, tendo elevado valor simbólico para os adolescentes (Watari; Romanelli, 2010) e que são valorizados pela sociedade do consumo.

Esta concepção é apresentada no trecho abaixo, que durante uma diálogo, o jovem Jefferson relata que envolveu-se com o tráfico de drogas para conseguir adquirir produtos de desejos,

> Jefferson relata que se envolveu com drogas com 13 anos de idade, maconha e que em seguida, começou a vender para poder se sustentar e ter produtos de desejo, pois sabia que a mãe não tinha condições para dar e como o mesmo afirma: “queria ostentar” (Diário de Campo, 2021, p. 4)

Outro fator constituinte para a identidade dos jovens meninos, é o futebol, sendo um aspecto presente nas vivências de lazer, de aprendizagem e de socialização com seus pares. Mas também o esporte é exposto como um elemento na construção de seus projetos de vida. Em diversos momentos, quando perguntados sobre desejos e anseios a respeito de profissões, os jovens mostraram propósitos em seguir na carreira esportiva, como se observa no trecho seguinte,

> A pesquisadora pergunta o que meninos almejam e eles responderam que:
> -Kleber: Não sabe;
> -Leandro: Jogador (meio de campo);
> -Pedro Paulo: Não sabe
> (Diário de Campo, 2022, p.79)

Também Joaquim, em outra oficina em 2022, declarou que sonhava em ser jogador de futebol (Diário de Campo, 2022, p. 119). Paralelamente, é apresentado no Plano Individual de Atendimento do jovem Pietro, que a meta a longo prazo do adolescente é ser jogador de futebol (PIA, 2023). Segundo Gonçalves (2018), uma sociedade voltada para o consumo, na medida em que seu acesso é subordinado ao dinheiro e limitado ao poder aquisitivo, as atividades de lazer também são consideradas mercadorias. O futebol como fenômeno sociocultural, reflete a identidade cultural, transmitindo os costumes e valores da sociedade em que está inserida.

Portanto, por intermédio dos meios de comunicação de massa, o futebol tornou-se uma grande possibilidade lucrativa, na lógica consumista do esporte e do lazer. É neste sentido que

o futebol é habitado nas periferias brasileiras: o grande sonho do adolescente de se tornar jogador de futebol. Conforme Gonçalves (2018), esse anseio reflete uma identidade cultural local dos bairros em que os jovens estão inseridos, além de expôr a segregação socioespacial, a inexistência ao respeito dos direitos e o fracasso da escola, colocando esta profissão como uma das poucas alternativas a serem sonhadas.

Outro agente influenciador na constituição de suas identidades, é a localidade em que vivem e que estão inseridos. Nesse sentido, através das análises do PIA foi percetível compreender que as/os adolescentes trocam de residências com uma grande frequência, como é sucedido com a jovem Giselle, em que a adolescente mora com a irmã, uma amiga e filhos de sua colega, trocando de residência muitas vezes ao ano.

Ainda ao longo das oficinas, as/os jovens revelaram que os lugares são esquecidos pela administração pública, faltando áreas de lazer para todos, uma vez que moram em áreas periféricas do município.

Segundo o jovem Maycon (Diário de Campo, 2021, p.7), seu bairro possui UBS, escola e um "campinho" para lazer, todavia faltam algumas "coisas". Outro adolescente, denominado como Corinthiano, afirma que o seu bairro é uma comunidade e que poucas casas são de tijolos, sendo a maioria de madeirite. Com a violência policial presente constantemente, os moradores são tratados como "bandidos" (Diário de Campo, 2021, p.13), sendo estigmatizados devido às situações que ali exercem influências sobre os contextos, situação apresentada por Miguel, na qual o adolescente afirma que a violência policial e o enquadro são situações vivenciadas diariamente pelos moradores de seu bairro (Entrevistado 1, 2023).

Pietro, em uma oficina sobre a Capoeira em 2022, comentou que o seu bairro não tem nada e "infelizmente moro lá" (Diário de Campo, 2022, p. 55), uma vez que o jovem declara que não tem esportes e lazer, apenas um campo de futebol que começaram a fazer e não terminaram.

Paralelamente, Maria apresenta outro olhar sobre o bairro em que mora, demarcando criatividade para enfrentar o calor e as diversidades, uma vez que a jovem afirmou gostar de ir na caixa d'água de sua comunidade, só precisando abrir a torneira e se refrescar no calor (Diário de Campo, 2022, p. 26).

Portanto, os espaços que as/os jovens residem tem uma influências na construção de suas identidades. Segundo Mourão; Cavalcante (2006), através da apropriação, o sujeito dialoga com o ambiente, na qual a sua identidade vai se construindo, conjuntamente, ele participa para a construção ativa, ou seja, o ser humano interage dialeticamente com o seu

entorno, procedendo-se em uma transformação reciprocamente. Logo, o contexto que estas/estes adolescentes (sobre)vivem intervém em suas subjetividades, gostos, emoções, rotinas, autopercepções, entre outros.

Ainda quando tratado de Identidade e Estigma, a identidade etnico-racial das/dos jovens participantes da pesquisa influência na construção dessa Identidade estigmatizada. Podemos perceber que esta situação ocorre primeiramente dentro das Instituições públicas, como na Escola e o Centro de Referência de Assistência Social, como apresentado no subcapítulo anterior, em que estas duas organizações apresentam a declaração etnico-racial sem nenhuma apreciação ao pertencimento racial e etnico das/dos jovens. Como é possível observar no trecho abaixo, que durante a oficina de estereótipos, a pesquisadora indagou aos jovens como eles se autodeclaravam,

> Nesse sentido, a pesquisadora perguntou como os jovens se autodeclaram, segue as respostas:
> Amanda: branca;
> Giovanna: branca;
> Gabriela: branca;
> Carlos Eduardo: Inicialmente não soube responder. Mas depois de um tempo, ele relatou que pardo;
> Lucas: preto
> Bernardo: moreno;
> Daniel: pardo
> (Diário de Campo, 2022, p.65)

Entretanto, no PIA dos adolescentes citados acima, a declaração apresentação é outra, como é possível observar no quadro abaixo,

Quadro 8 - Autodeclaração dos jovens X Declaração no PIA

Jovem	Autodeclaração na Oficina	Declaração no PIA
Amanda	Branca	Branca
Giovanna	Branca	Branca
Gabriela	Branca	Branca
Carlos Eduardo	Pardo	Branco
Lucas	Preto	Branco
Bernardo	Moreno	Branco
Daniel	Pardo	Branco

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Outro exemplo é a de Edgar, que durante uma oficina de Basquete (2022), a pesquisadora perguntou-lhe como ele se auto declarava e o jovem respondeu que “Moreno (pardo, mestiço). Sou preto, eu acho, com orgulho" (Diário de Campo, 2022, p. 68). Entretanto, em seu PIA está presente a declaração: “parda”.

Nesse sentido, podemos compreender que a auto-declaração trata-se de um movimento de reconhecimento individual, em que os sujeitos fazem juízos de valor de suas características, levando em consideração, os critérios de identificação, cultura e/ou ancestralidade. Em que é observável que alguns jovens possuem dificuldades em se compreenderem como “negros”, “pardos” ou “pretos”, devido ao movimento de embranquecimento da sociedade, como é verificável na declaração proposta pelo serviço de execução de medidas e pela secretária regional de educação.

Nessa perspectiva, a cor da pele das/dos jovens e os lugares em que residem estão atreladas aos enfrentamentos diários de preconceitos em suas vivências, como revela Miguel durante a leitura de uma notícia sobre a violência policial, na qual o adolescente afirma que os policiais só perseguem negros e favelados (Diário de Campo, 2023, p. 123). Similarmente, o garoto também comentou durante a entrevista que já sofreu racismo na escola, como demonstra o próximo trecho

> Só quando eu era menor, porque eu era atentado… Mas eu já sofri racismo de uma diretora, ela me chamou de macaco, na verdade eu tava no recreio, todo mundo tinha que subir e eu tava com os meninos, ai ela chegou e mandou eu subir pra diretoria, ai ficou falando “não sei o que”, me embasando, sendo que eu não tava bagunçando nem nada. **Ai ela falou que ia chamar minha mãe, não sei o que e me chamou de macaco.** Nossa, fiquei bravo e fui embora, fui pra casa. Minha mãe fez um inferno. Mas eu ja sofri senhora, mas fui crescendo e fui me defendendo, mas eu lembro, eu nunca esqueço. (Entrevistado 1, 2023, grifos nossos)

Também, outro jovem, Lucas, comentou durante a oficina de Basquete (2022) que já vivenciou uma cena de racismo, em que estava na delegacia e os funcionários falaram “desencosta da parede, você tá sujando a parede” (Diário de Campo, 2022, p. 65). Ainda, a adolescente Giovanna, na mesma atividade, citou um trecho da música dos Racionais: “Tem um trecho das músicas dos Racionais que fala assim “Por você ser preto e pobre, você tem que ser duas vezes melhor’’ (Diário de Campo, 2022, p. 65).

Em outra oficina sobre Identidade (2022), na qual foi realizado um intercâmbio com a presença de um pesquisador francês, a jovem Lívia citou que o preconceito deriva-se pelas

questões raciais e pelas tatuagens que os jovens possuem, isto é “as pessoas têm preconceito contra as pessoas que têm pele linda[11]” (Diário de Campo, 2022, p.82).

Os exemplos acima nos revelam a relação entre o Racismo Estrutural e a Identidade estigmatizada das/dos jovens em conflito com a lei, em que de acordo com Erving Goffman (1988), a estigmatização é “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (Goffman, 1988, p.7), isto é, os adolescentes autores de atos infracionais, em sua grande maioria, pretos, pobres e periféricos, carregam a marca de serem considerados “bandidos” (Guimarães, 2014), sendo inicialmente segregados do espaço urbano, vivendo situações de violência e enfrentando dificuldades aos serviços e direitos, como a educação. À vista disso, Guimarães disserta que a

> A sociedade criou os estereótipos de classes perigosas e potencialmente criminosas. Como único grupo exposto às sanções pela prática de ato infracional, foi projetado um ideário de periculosidade, uma identidade de criminoso aos negros e pobres. Estes necessitam de maior controle, pois representam instabilidade para a ordem e a disciplina (Guimarães, 2014 p. 65 e 66).

Nessa perspectiva, será que as/os jovens *são só* adolescentes em conflito com a lei? O ato infracional corresponde a uma fase da vida dessa juventude. Entretanto, a marca da infração percorre toda a trajetória de vida desses jovens devido a criminalização do jovem pobre e negro, como é apresentado pelo adolescente Miguel, “ao ser questionado do porquê vender narcóticos, o garoto respondeu que é difícil conseguir serviço, já procurou em lava jato e disse que “os caras não dão serviço pra gente, pensa que nois é bandido”(Diário de Campo, 2023, p. 125).

Segundo Souza (2019), a estratégia em relação ao atendimento socioeducativo consiste em não se concentrar na infração, mas sim no adolescente que comete a infração, reconhecido como indivíduo com direitos, encaminhando-o para a escola e viabilizando a oferta de oportunidades profissionais, esportivas, recreativas e culturais. Todavia, é perceptível que a sociedade brasileira estigmatiza a/o jovem em conflito com a lei, priorizando o sujeito econômico e legitimando as desigualdades sociais (Cardoso, 2022).

6.3 Gênero, Sexualidade, Família e os vestígios das Violências na(s) trajetória(s) de vida(s)

No decorrer da pesquisa foram conduzidas atividades com o objetivo de estimular e promover reflexões sobre questões de gênero e sexualidade. Assim, por meio de análises de

[11] Referindo-se às pessoas pretas e pardas.

trechos cinematográficos, letras de músicas e diálogos abertos sobre sexualidade, as/os jovens tiveram a oportunidade de compartilhar suas perspectivas sobre esse tema. Nessas ocasiões, pôde-se notar como as/os adolescentes estão imersas/os em uma sociedade marcada pelo classismo, racismo, sexismo e a heteronormatividade, perpetuando valores discriminatórios, machistas e homofóbicos. Isso ocorre porque esses jovens têm identidades estigmatizadas e sentem-se pressionados a conformarem-se com os padrões estabelecidos, como uma forma de buscar aceitação e reconhecimento em seus contextos de vida.

Tratando-se de gênero observou-se que as/os jovens não possuem uma diferenciação entre gênero e orientação sexual, ou, Identidade de Gênero e Orientação Sexual, acreditando que os sujeitos que se distanciam da heteronormatividade não se enquadram na categoria "homem" ou "mulher". Como se evidenciou durante uma roda de conversa, na qual o jovem José, sentado fora da fileira e mais ao fundo, levantou seu tom de voz e afirmou: "Só tem homem e mulher, o resto é viado e sapatão" (Diário de Campo, 2021, p.68). Vale ressaltar que não houve resistência diante dessa fala em claro consenso em torno dessa concepção de gênero e sexualidade. Também, a jovem Gisele, a única menina entrevistada, declarou acreditar que existem pessoas que não se enquadram dentro da binariedade de gênero, homem e mulher, como gays e lésbicas.

Nesse sentido, pode-se notar que as/os jovens participantes não têm construindo um entendimento sobre Sexo Biólogico, Identidade de Gênero e Orientação Sexual. Destacando assim, que o Sexo Biológico (macho, femea, intersexo) é definido como as características biológicas do corpo humano. Já a Identidade de Gênero está relacionada em como o sujeito se vê e se personifica na sua vida (mulher cisgênero, mulher transgênero, homem cisgênero, homem transgênero, travesti, não-binário, entre outros). E por sua vez, a Orientação Sexual refere-se a quem os sujeitos se sentem ou não atraídos sexualmente e/ou afetivamente (heterossexual, homossexual, bissexual, panssexual, assexual, entre outros).

Essas definições estão bem distantes do imaginário das/dos jovens, uma vez que, em outra oficina, na qual se discutia sobre sexualidade, a adolescente Vitória, única menina do grupo naquele instante, diz acreditar que "ser (homossexual) é escolha, a pessoa pode não ser se quiser" (Diário de Campo, 2021, p.51, grifos nossos). Falas similares também foram apreendidas durante as entrevistas individuais com esses adolescentes, como a do participante Miguel:

> Pesquisadora: Você acha que é uma escolha?
> Miguel: Escolha? Ah, cada um tem sua escolha né. A minha escolha foi ser homem né e não virar viado e cada um tem a sua escolha. O meu primo quis virar viado, problema é dele, mas não fala mais comigo, já dei o papo. Mas agora, com as mulecadas eu já converso, tendeu? (Entrevista 1, 2023).

Entretanto, a jovem Gisele apresentou discordâncias na concepção da orientação sexual “ser uma escolha”, como é apresentado no seguinte trecho:

> Pesquisadora: Você tinha falado antes, que tem pessoas que não se enquadram como homem e mulher, como as mulheres que se assumem lésbicas, os homens homossexuais…
> Gisele: Ah, eu não tenho nada contra, se eles acham que é assim, deixa eles serem assim. Mas eu acho horrível.
> Pesquisadora: Mas porque você acha horrível?
> Gisele: Por que se Deus fez o homem e a mulher, não tem porque querer misturar
> Pesquisadora: Você acha que é uma questão de escolha?
> Gisele: Eu acho que não é uma coisa de escolha não, porque se fosse, eles iam escolher voltar a ser normal
> Pesquisadora: Mas porque você acha isso?
> Gisele: Ah não sei dizer não (Entrevistada 10, 2023)

Isto significa que as/os jovens apresentam concepções diferentes sobre “ser” ou “não” a escolha em torno da orientação sexual, entretanto, quando não carregam a escolha, apresentam o preconceito de forma mascarada e através da religião, como Gisele realizou em sua fala.

Nesse sentido, essas compreensões não acontecem de forma individual ou descolada do restante da sociedade, uma vez que o bairro/comunidade têm influência na construção da identidade de gênero e sexual dos jovens. Por isso, esses pontos de vista como as dos jovens José, Gisele, Miguel e Vitória são reproduções de discursos presentes em seus contextos de vivências, que como posto por Gomes (2008), moldam os valores e compreensões que são incorporados ao ideário dos jovens, em um movimento de construção identitária que se legitima ao mesmo tempo que busca chancela nas convicções presentes em seu local de morada, como podemos observar na justificativa do jovem José, que quando indagado sobre o que *acharia* se tivesse dois amigos que quisessem namorar, responde: *“*o que o bairro todo acharia” (Diário de Campo, 2021, p. 68).

Em consonância com esse discurso, o adolescente Miguel reforça essa compreensão: durante a sua entrevista, em que as pesquisadoras indagam sobre possíveis convívios,

> Pesquisadora 1: E se um menino gay der em cima de você, o que você faz?
> Caio: Ah, eu pego uma madeira e corro atrás dele, senhora. Ah senhora, eu não gosto dessas coisas não senhora. E ah não, meu primo mesmo, ele é gay, vou falar a verdade, eu nem troco ideia com ele.
> Pesquisadora 2: Não?
> Caio: Nem troco, mas ele cresceu comigo né. Mas depois que fiquei sabendo que ele é viado, sai fora. Lá no meu bairro ninguém gosta dessas coisas não. (Entrevista 1, 2023)

Entretanto, observa-se uma maior aceitação por parte dos adolescentes do gênero masculino em relação aos relacionamentos sáficos[12], uma vez que consideram aceitável a ocorrência de relações sexuais entre mulheres, ao passo que não é permitida o relacionamento aquiliano[13], ou seja, entre homens, como é destacado neste fragmento do diário de campo,

> A pesquisadora perguntou: "e se fosse seu irmão?". José respondeu que: "não entraria nem na goma", porque de acordo com ele seria ruim dormir com um homem que gosta de outro homem, já que homem tem que gostar de mulher e mulher gostar de homem, na qual ele finalizou a sua fala com o seguinte pensamento: "viado nois não gosta. Mas de muié com muié sim" (Diário de Campo, 2021, p. 68, grifos nossos).

Ao encontro dessas afirmações, Miguel expressa:

> Miguel: Mas pra mim, é normal homem e mulher. O unico que eu não gosto é de viado, essas coisas
> Pesquisadora 1: Você não gosta?
> Miguel: Eu não gosto senhora, eu tenho ranço dessas coisas
> Pesquisadora 1: Mesmo mulher lésbica? E o homem quando…
> Miguel: Não, toda lésbica é bonita né… Mas homem não. (Entrevistado 1, 2023, grifos nossos)

Portanto, é perceptível a fetichização das mulheres em prol do prazer masculino, uma vez que a sociedade brasileira é moldada no patriarcado, heteronormativismo e falocentrismo, isto é, concentrando toda a ênfase das relações no órgão genital associado ao sexo masculino, aproximando-se de todo prazer existe apenas aos homens cisgêneros.

De modo geral a violência e a intolerância são imperativos presentes em torno das falas nas diferentes discussões de gênero e sexualidade conduzidas durante as oficinas, como podemos observar no diálogo abaixo,

> Ricardo relatou que bateria em um menino gay, caso ele desse em cima dele.
> Já Edgar respondeu: "Cada um com as suas brisas, só não cortas as minhas". Mas ele disse que bateria, caso o menino continuasse a dar em cima dele.
> Já Marcos: "Tem que ver os dois lados".
> Rodrigo: "Se continuar o assédio, tem que bater pro cara aprender".
> Giovana: "Cada um com as suas coisas" (no sentido de cada um com os seus problemas) (Diário de Campo, 2021, p. 46).

Similarmente, Miguel também apresenta ideias semelhantes, como é verificável no trecho seguinte,

> Pesquisadora: E se um menino gay der em cima de você, o que você faz?
> Miguel: Ah, eu pego uma madeira e corro atrás dele senhora

[12] Relacionamento sexual e/ou romântico entre duas ou mais mulheres.
[13] Relacionamento sexual e/ou romântico entre dois ou mais homens.

> Miguel: Ah senhora, eu não gosto dessas coisas não senhora. E ah não, meu primo mesmo, ele é gay, vou falar a verdade, eu nem troco ideia com ele (Entrevistado 1, 2023)

Entretanto, as adolescentes meninas apresentam discursos mais flexíveis, comparados aos dos meninos, como a jovem Amanda relatou durante uma conversa: “Os gays sofrem em casa também” (Diário de Campo, 2022, p.64).

Portanto, mulheres cisgênero[14], enquanto sujeitos que se relacionam com outras mulheres, e que performam a feminilidade, são fetichizadas e assediadas por homens cisgêneros, afim de atender o prazer masculino e as demandas do homem cis-hetero, impulsionadas pela heterornomatividade. Também, é visível uma grande intolerância ao homem gay, dado que estes tendem a fugir dos padrões heteronormativos.

Quando se trata de relacionamento sexual e amoroso heterossexual, nota-se o entendimento por parte dos meninos que suas parceiras não possuem os mesmos direitos que eles. Como é explicitado na fala do jovem Lourenço: “Se eu levasse um chifre, eu daria um remédio e resolveria” (Diário de Campo, 2021, p. 69). Essa afirmação encontra apoio nas significações morais dos demais participantes da oficina, reveladas em suas falas: “traição se resolve no soco”, “se a menina for minha namorada não pode usar roupa curta”, “se terminar comigo tem que esperar três meses para começar a sair com outro, mas eu posso fazer isso no outro dia” (Diário de campo, 2021, p.51). Entretanto, Vitória, única menina participante do grupo, discorda dos colegas. Esses aspectos, são fortificados pelo discurso de um jovem durante a discussão,

> Um jovem comentou que assistiu um reality show, em que um dos participantes traiu a esposa 16 vezes. Marcos relatou que isso é o amor e que o homem teve que “provar” 16 mulheres para ter a certeza de que a sua esposa é a ideal. A pesquisadora indagou-o se fosse diferente e se fosse com ele, ou seja, se ele fosse traído, ele relatou que isso não aconteceria (Diário de Campo, 2022, p.73).

Para além dos signos morais, as falas dos jovens explicam por si só os moldes sob os quais são forjadas suas masculinidades, permeadas pelo machismo e pela heteronormatividade, uma vez que como posto por Gomes (2008) a masculinidade abrigada no gênero representa não só valores e ações esperadas do ser homem, mas a relação da moralidade implicada em seus papéis sociais, em nossa sociedade marcadas pelo machismo.

É sobre toda essa construção moral que estabelecemos normas de gênero e sexualidades que estabelecem o que é tolerável e intolerável sob a ética heteronormativa que

[14] É preciso apresentar uma diferenciação entre mulheres cisgênero (lésbicas e bissexuais) e mulheres transexuais (lésbicas e bissexuais), dado que as estigmatização, fetichação, violência e preconceito se sucedem de maneiras distintas.

subjulgam os corpos e as relações, em uma distribuição de papeis que cede privilégios aos homens e submissão a mulher, como apontado por Torres (2012).

Nesse sentido, no que refere-se a saúde sexual, os jovens apresentam resistências e desconhecimentos em relação aos métodos contraceptivos e a sexo seguro e protegido. Assim, alguns adolescentes já possuíam filhos ou engravidaram ao longo da pesquisa, como as/os adolescentes Lívia, Carlos, Eduardo, Gisele, Giovanna, Guilherme, João Pedro, Marina e Vitória.

Nessa perspectiva, foram desenvolvidas oficinas, em conjunto ao Serviço Especializado em Prevenção e Assistência para DST/AIDS/Hepatites - SEPA, para compreender melhor as concepções em torno da temática e possibilitar uma maior compreensão aos jovens sobre um sexo seguro e protegido.

Por conseguinte, de acordo com João Carlos, o jovem não gosta de utilizar preservativos (Diário de Campo, 2022, p.88), paralelamente, o adolescente cita conhecer alguns métodos contraceptivos. Já Vitória, jovem e mãe, também apresenta um determinado conhecimento sobre os métodos contraceptivos, no entanto, cita que não gosta de utilizar camisinha e não quer utilizar outros métodos para não engravidar, como é apresentado no trecho abaixo:

> A pesquisadora perguntou sobre os métodos contraceptivos e Vitória respondeu que conhecia vários. No entanto, a jovem acrescentou também:
> -Vitória: “Vai na fé. Eu engravido 10 vezes, mas não uso adesivo”
> -Vitória: “tem que usar camisinha, mas eu não gosto” (Diário de Campo, 2022, p. 89)

Também, Estevan apresentou um conhecimento sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST’s), falando sobre os tratamentos e como ocorrem as infecções (Diário de Campo, 2022, p. 90). Todavia, apesar de alguns adolescentes apresentarem entendimentos sobre o assunto, a maior parte não apresenta noções sobre o tema. Entretanto, o desconhecimento está atrelado ao tabu, uma vez que os jovens exibem risadas e falas de vergonhas, como sucedeu-se com o jovem João Carlos: “De acordo com o jovem, ele não gosta de usar camisinha. Ainda, os meninos riram bastante e o João Carlos disse que estava com vergonha” (Diário de Campo, 2022, p. 88),

Outro momento que os jovens exibiram uma postura de gargalhada, ocorreu quando as agentes da SEPA, perguntaram aos jovens se é possível engravidar com sexo anal (Diário de Campo, 2022, p. 88). Também ao entregar preservativos masculinos e femininos, os/as adolescentes tiveram a seguinte postura, revelando que os jovens meninos encontram mais resistência em adquirir as camisinhas do que as adolescentes meninas,

> Nesse momento, as técnicas do Creas disponibilizaram preservativos masculinos e femininos gratuitos para os adolescentes. Juntamente, com a explicação da pesquisadora sobre como colocar. Os jovens riram bastante e surgiu as seguintes falas:
> -Amanda: dá alergia;
> -Amanda: "[Essa Camisinha] é coisa de pobre".
> Gabriela pegou várias camisinhas e os meninos não quiseram pegar nenhuma. (Diário de Campo, 2022, p. 88)

Segundo Silva; Silva; Alves (2004), as informações transmitidas aos jovens sobre sexo constumam ser incorporadas aos aspectos da reprodução humana, ensinando-se sobre os aparelhos reprodutores, referindo-se ao contato entre os dois órgãos genitais e à penetração do pênis na vagina e esquecendo-se da anatomia do prazer, orgasmos, prevenções de doenças e gravidez. Nesse sentido, de acordo com os autores, a sexualidade pode ser entendida como expressão da cultura, em que os processos sociais resultam nas concepções destes/destas jovens em torno da sexualidade e nas relações sociais e pessoais com os corpos.

Assim, os tabus e os desconhecimentos em torno de um sexo seguro que vá além da reprodução humana e do prazer masculino, não sucede-se devido as influências da religião, família, mídia e instituições públicas na construção de entendimento das/dos jovens. Em contrapartida, de acordo com Silva; Silva; Alves (2004), os adolescentes estão cada vez iniciando mais cedo sua vida sexual, gerando grandes dificuldades, como gravidez na adolescência e contraindo doenças, como é apresentado no Plano Individual de Atendimento do jovem Luan: "O adolescente iniciou a vida sexual aos 14 anos, não fazendo uso de preservativos em suas relações" (PIA, 2023).

Também, podemos citar o caso da jovem Gisele, que em um diálogo com a técnica do cumprimento da medida socioeducativo, comentou que a jovem declarou acreditar que o seu namorado possuía uma dificuldade em engravidar, nesse sentido, a garota não utilizava de camisinhas devido aos pedidos do namorado, o que ocasionou em uma gravidez não planejada.

Similarmente, outros jovens comentaram ter relações sexuais sem desejo para agradar o parceiro ou a parceira, citando: "Sim", "para agradar"; "lógico"; "qualquer hora"; "sim"; "fazer o que"; "nasceu com rosto, então sim" (Diário de Campo, 2022, p. 89 e 90). Todavia, Vitória, a única menina presente na discussão, respondeu que: "se quiser, eu dou, se não quiser eu não dou" (Diário de Campo, 2022, p. 89 e 90).

Isso nos revela que o sexo e a sexualidade para estes jovens está atrelada ao prazer, mas sem levar em consideração a vontade e as possibilidades para um sexo seguro e efetivo, utilizando-se de métodos contraceptivos.

Relacionando-se assim, é possível compreender quais sujeitos fazem parte do imaginário de desejo dos jovens meninos. Miguel apresenta um discurso em que demonstra interesse por um grupo específico de meninas, como é demonstrado no diálogo seguinte

> Pesquisadora: Então você só fica?
> Miguel: Só fico
> Pesquisadora: Então na casa da sua vó você tem mais liberdade?
> Miguel: É, mai namorar namoro não
> Pesquisadora: E se você encontrar alguma menina?
> Miguel: Ah
> Pesquisadora: Ou por enquanto não está nos seus planos?
> Miguel: Ah se a mina for pá assim e tals, até que rola. Depende também né senhora
> Pesquisadora: O que significa a menina ser pá?
> Miguel: Aquelas minas que tem muita gracinha, senhora.
> (Entrevistado 1, 2023)

Similarmente, a família tem uma grande influência na demarcação das relações, como é visionado no seguinte trecho: “as pesquisadoras perguntam se eles conhecem casos de pessoas que dizem que “certas pessoas" não podem namorar as suas filhas, ou seja, pessoas preconceituosas. Lourenço cita que a sua mãe não quer que ele namore *putinhas* (Diário de Campo. 2022, p.77). Também, a mãe da jovem Vitória acreditava que a filha não possuía relações sexuais (PIA, 2022).

Assim, é possível verificar a presença de demarcações machistas e sexistas para as relações afetivas, sexuais e amorosas entre os adolescentes.

Nessa perspectiva, a família é um núcleo de significações que permeia e influencia na construção das identidades das/dos adolescentes. Segundo Romanelli (1998) existem inúmeros estudos que diferem as composições familiares, mas que família é uma unidade de reprodução social e principal instituição socializadora, em que quando os adolescentes procuram a construção da própria identidade, realizando o desejo do desconhecido, atravessam e experimentam situações que demarcam situações de conflito entre os familiares. É nesta perspectivas que os jovens apresentam respostas e visões distintas sobre Família, como é demonstrado no trecho abaixo,

> Nesse momento, a pesquisadora fez um gancho com o tema "família", perguntando a todos: “o que é família?”. Algumas respostas: “Morar junto”; “Minha mãe”; “Com quem ta comigo”; “Quem tá comigo a todo momento”; “Considero quem não é de

> sangue… Porque quem é de sangue é o pior"; "Minha mãe, meu pai"; "Quem me fortaleceu, não me abandona" (Diário de Campo, 2021, p.46)

Revelando que existe uma diversidade de pensamentos acerca da Instituição Familiar, uma vez que os jovens veem a família como base e de grande importância na construção de seus Projetos de Vida, não importando a maneira que essa família é constituída e vivenciada. Nesse sentido, a família apresenta-se como um elemento a ser construído ou de mudanças, quando pensado sobre Projeto de Vida. Como é evidenciado no diálogo da entrevista:

> Pesquisadora: Como você descreveria a sua relação com a sua família?
> Gisele: A gente é bem junto, relação boa
> (Entrevistada 1, 2023)

Segundo Araújo (2013, p.5), "a família é um lócus de potencialidades, espaço de construção de afetos, solidariedade, interdependência e reciprocidade, trata-se de ponto de apoio, mas, que também possui conflitos", isso significa que a Instituição familiar é um constituinte de afetos e de conflitos.

Nessa perspectiva, os jovens participantes apresentam estes dois polos para referirem-se às suas famílias. Em parte, nas falas de alguns adolescentes, a família é fomentadora de violência, permeando e difundindo os abusos. Todavia, a instituição familiar é promotora e elemento importante na construção do Projeto de Vida, como por exemplo, para a saída do "mundo" dos atos infracionais, constituição da própria família e mudança de vida dos familiares, principalmente no que diz respeito às figuras femininas e maternas, como mães e avós, principalmente, porquê 66 jovens residem com alguma figura feminina.

Entretanto, o núcleo familiar é fomentador de violência, como cita a jovem Lívia: "troca de socos" (Diário de Campo, 2022, p. 112), em que a adolescente apresenta divergências com a mãe devido ao marido da garota. Igualmente, a sua mãe falou durante uma oficina com os pais que ela só estava comparecendo ao CREAS porque é obrigada, uma vez que não se dá bem com a sua filha e elas nem moram juntas (Diário de Campo, 2022, p. 90). Também sendo presente no PIA dos jovens, outros vestígios de violências, como a mãe de Marina, que negligenciou a responsabilidade em torno da educação formal dos filhos (PIA, 2023).

Igualmente, João Pedro, mora com a avó, devido a denúncia de negligência que sua mãe recebeu de maus tratos. Já o adolescente Hugo, foi criado pela bisavó materna, após sua mãe ser detida por tráfico de entorpecentes. Carlos José, outro jovem, apresenta em sua trajetória de vida o envolvimento com a violência, uma vez que os ex-maridos de sua mãe tem ligação com a violência e o uso de drogas. Já o pai de Isaac é usuário de entorpecentes.

Similarmente, Miguel Henrique vivenciou cenas de violência doméstica entre seu pai e sua mãe.

Diogo, também apresenta um exemplo de violência em sua família: A pesquisadora perguntou se os adolescentes já tinham sofrido violência ou até mesmo, racismo e preconceito. Eles negaram e o Diogo disse que "apenas da família (que sim)" (Diário de Campo, 2021, p.46).

Assim, a partir destes exemplos, é possível compreender as marcas das violências na(s) trajetória(s) de vida(s), principalmente no que diz respeito ao núcleo familiar, por meio de direitos violados e violências domésticas. Também, os jovens são promotores/reprodutores de violências, como é possível verificar na situação do jovem Guilherme, em que a sua genitora sofreu agressões do pai do jovem, que é dependente de substâncias psicoativas, também, a companheira do adolescente sofre agressões devido ao ciúmes excessivo de Guilherme (PIA, 2023).

Ainda, no tratado da família, foi observado que os/as adolescentes apresentam regras morais de não-traição em prol da riqueza. Durante a oficina sobre a análise do longa-metragem "Pantera Negra", foi indagado aos jovens sobre a aquisição de bens-materiais e dinheiro, "todos citaram que gostariam de serem ricos, mas que não trairiam ou deixariam seus familiares por dinheiro (Diário de Campo, 2021, p. 51).

Já que no diz respeito às tarefas domésticas e cuidado da cada um, foi verificado que a responsabilidade fica a cargo das mulheres, como é visionado na oficina de Estereótipos e Basquete:

> A pesquisadora pediu que todos levantassem para que eles pudessem jogar e ensinar na prática as regras e os fundamentos do esporte. No entanto, os jovens não quiseram, ficaram firmes em não participar ativamente do jogo, relataram que estavam cansados por terem limpado a casa (Amanda) ou que iam se sujar (Carlos Eduardo) (Diário de Campo, p. 63, 2022)

Posteriormente, Amanda reclamou que seu namorado não faz nada dentro de casa e que todos os homens são preguiçosos. Nesse sentido, a pesquisadora relatou que isso é um exemplo de estereótipo e indagou se todos os homens são assim, uma parcela dos jovens respondeu que sim e outros afirmaram que não. Complementando a discussão, a pesquisadora perguntou se eles auxiliam ou se faziam algo dentro de suas residências:

> Para complementar, a pesquisadora perguntou se eles ajudavam ou faziam algo em casa. Algumas responderam que:
> -Gabriela: "Não faço nada, tenho quem faça por mim"
> -Bernardo: "Sô parasito";
> -Amanda: Faço tudo";

> -Giovanna: “Quem não trabalha faz”
> -Amanda: “Meu namorado é folgado, porque a mãe dele fazia tudo por ele”
> -Bernardo sobre Carlos Eduardo: “É parasita” (Diário de Campo, 2022, p.63).

Já Gisele, apresenta um discurso semelhante como é observado no trecho abaixo,

> Pesquisadora: [...] Em sua família, quando tratado dos serviços domésticos, os homens ajudam? Ou as mulheres são mais sobrecarregadas?
> Gisele: Todos eles ajudam, cada um faz um pouquinho. Ah ele pesa mais pra mulher, porque a mulher precisa deixar mais limpinho.. Mas eles também fazem. Mas ele cobram mais da gente. (Entrevistada 2, 2023)

Nesse sentido, na sociedade brasileira, o trabalho doméstico é atribuído às meninas e mulheres, como demonstra a pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que em 2019, a população com 14 anos ou mais de idade dedicava, em média, 16,8 horas semanais aos afazeres domésticos e ao cuidado de pessoas. Sendo 21,4 horas semanais para as mulheres e de 11,0 para os homens. Onde as taxas de realização de afazeres domésticos é maior entre as mulheres pretas (94,1%) e pardas (92,3%) em comparação às mulheres brancas (91,5%).

Retomando sobre as marcas de violências nas (sobre)vivências das/dos jovens, foi verificado que a violência policial contribui na formação de identidade desses adolescentes, uma vez que a relação é complicada e penosa, no sentido da estigmatização dos jovens, utilização e consumo de entorpecentes, corrupção e principalmente, na opressão. Ao longo das oficinas e das entrevistas, foi constatado nas falas das/dos jovens como a violência policial está presente nos seus cotidianos, sem haver distinção de gênero, isto é, entre meninas e meninos.

Como o adolescente Yuri afirmou após a indagação da pesquisadora sobre o sentimento que cada participante estava levando embora após o término da oficina: “Rezando para não tomar um enquadro da polícia” (Diário de Campo, 2021, p. 38). Similarmente, em outra oficina sobre Basquete, Pietro e Edgar perguntaram aos integrantes da pesquisa se eles já haviam tomado um *enquadro da polícia,* como é observado no trecho abaixo

> O Pietro e o Edgar perguntaram se os integrantes do projeto de extensão já tomaram enquadro da polícia. **E a pesquisadora respondeu que não, achava que não aconteceu porque é mulher. Os meninos falaram que isso não existe na quebrada, a pesquisadora relatou que se acontecer tem que ser policial mulher no momento, novamente, eles riram e falaram que isso não existe na quebrada, que até as meninas tomam e o quanto é humilhante pra todo mundo**, eles explicaram como é o enquadro e que eles não têm mais liberdade para comprar pão na padaria (Edgar relatou essa experiência, em que ele tava saindo da padaria e os

> policiais pararam ele), além de que os policiais são violentos e Não seguem a lei, como na fala de Pietro:
> -Pietro"Os policiais passavam e pegavam 1500, o Silveira (guarda) passa todo"
> -Edgar: "O Silva[15] (guarda). Ele é preconceituoso, mas é preto. Curte um Narguile. Ele é da guardinha" (Diário de Campo, 2022, p. 68, grifos nossos)

Nesse sentido, a violência policial permeia todos os corpos, humilhando e estigmatizando estas/estes jovens, por meio de socos, destruição de patrimônio particular, aquisição de dinheiro e violação de direitos, devido aos lugares em que vivem, como são e quem são. Como é possível verificar no trecho seguinte: “Lourenço disse também que apanhou da polícia e que estava com a perna doendo" (Diário de Campo, 2021, p. 55). Mas também, em outro momento, o adolescente comentou que os policiais “pegam” dinheiro para não prender os jovens, como uma forma de suborno.

> Nesse momento, os jovens começam a relatar a questão da polícia nas suas vidas.
> -Lourenço: "Se for punir, tem que punir até os chefes"
> Ele comenta que os policiais pegam as drogas da biqueira e que muitas vezes pegam dinheiro para não prender os jovens. Além disso, os jovens discutiram a questão da polícia e a sua violência.
> -Edgar: "Já vi policial tatuado, embasando as minhas" (Diário de Campo, 2022, p. 68)

Em seguida, na mesma oficina, os adolescentes ficaram trocando experiências de quando foram parados e quais guardas já os pararam:

> O Edgar relatou que nem todo policial é justo, por conta dos subornos, seja de droga ou de dinheiro.
> -Edgar: "Nem todo policial é justo, eu prefiro esses" (dando risadas)
> -Lourenço: “Tem policial que passa, pega a droga. E nois tem que pagar para os gerentes”
> -Edgar: “Quando eu fui preso, nem paguei. Eu já dei muito dinheiro pra eles” (Diário de Campo, 2022, p.69)

Ainda no tratado sobre a não distinção de gênero no que permeia a violência policial, durante uma oficina sobre Direitos e Responsabilidades, a jovem Lívia contou que naquele mesmo dia, policiais invadiram sua casa e quebraram seus móveis: “Lívia e seu filho chegaram atrasados para a oficina. A adolescente cita que “os homens” [polícia] chegaram e começaram a quebrar seus móveis” (Diário de Campo, 2022, p.111). Posteriormente, a pesquisadora argumenta que os policiais não poderiam dispor desta postura,

> A pesquisadora cita que os policiais não podem violentar e os jovens argumentam:
> -Bernardo “Fala isso para o Ricardão[16]”

[15]O nome do policial foi alterado, a fim de preservar a identidade dos jovens participantes da pesquisa.
[16]O nome do policial foi alterado, a fim de preservar a identidade dos jovens participantes da pesquisa.

> -Livia: “Cê fica sem dente”
> -Bernardo: “dá logo um tapão”
> -Bernardo: “sua piranha”
> -Lívia: “igual eu falei da última vez”
> -Lívia: “os caras ficam rondando minha casa” (Diário de Campo, 2022, p. 111)

As/os participantes da pesquisa também mencionam outros modos que os seus direitos foram violados, como Douglas:

> Douglas conta também o dia em que foi recluso para ir à Fundação Casa. Ele não estava em casa e quando chegou, a Polícia estava na frente de sua casa, o esperando. Quando chegou, o colocaram na parede, revistaram, o algemaram e colocaram-o no carro. No momento, não tinha nenhum adulto, apenas um tio que estava na rua conversando. Nesse dia, ele tinha menos de 18 anos, visto que quando ele saiu da FC, ele completou 18 anos (em dezembro) (Diário de Campo, 2022, p.72).

Similarmente, é possível verificar através das falas dos jovens que os mesmos cometeram o ato infracional do tráfico de drogas devido aos direitos violados, preconceitos e estigmatização, como foi discutido a seguir:

> -Pesquisador: Porque vocês acham que existe criminalidade?
> -Edgar: Corrupção
> -Lourenço: Por conta dos políticos
> -Livia: Falta de oportunidade de emprego.
> -Lourenço: Falta de opção. Quem não nasceu rico, tem que fazer o corre duas vezes
> -Pietro: Discriminação
> -Lívia: Pela questão racial e pelas tatuagens. Nesse momento, ela cita que as pessoas têm preconceito contra as pessoas que têm pele linda (referindo-se às pessoas negras) (Diário de Campo, 2022, p.82)

Também, os adolescentes, Edgar e Pietro, em outro momento descreveram que trabalhar com o tráfico de drogas está atrelado ao processo de necessidade:

> -Edgar: Corre de biqueira, não é pra quem quer, é pra quem precisa
> -Pietro: Às vezes não tem pai nem mãe. Tenho um colega que é de menor, os pais não ajudavam. Ele trampa em uma biqueira, ele tem casa e comida, consegue se manter. Ele não tinha ninguém por ele. É preciso fazer o corre. Biqueira não é pra se mostrar (Diário de Campo, 2022, p. 69 e 70).

Portanto, é possível verificar que a violência permeia as vivências das/dos jovens, no âmbito familiar, social e em seus relacionamentos amorosos, afetivos e/ou sexuais, contribuindo para o seguimento dessa violência em outros âmbitos, e também, para a estigmatização das/dos adolescentes autores de atos infracionais.

6.4 Sentidos e Significados: Escola e a Socioeducação

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), crianças e adolescentes possuem o direito ao acesso e permanência na escola, como demonstra o seguinte artigo: “Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”. Também, a Constituição Federal (Brasil, 1988), mediante ao artigo 205, revela a educação como um direito de todos e dever do Estado: “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988).

Nesse contexto, a Educação, que se estende como uma obrigação para crianças e adolescentes, entre 4 e 17 anos de idade (ECA, 1990), é também um direito fundamental presente em diversos documentos e legislações nacionais. No entanto, foi observado que as/os adolescentes e jovens participantes da pesquisa, tiveram e têm esse direito violado de inúmeros modos, como: Instituição educacional distante, ausência de professores, manifestações de preconceito dentro do ambiente escolar, recusa na disponibilização de vagas, entre outros. O que ocasiona na construção de significados e significações sobre a educação e sobre a escola pelas/pelos jovens.

De acordo com o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase, 2012), os Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente, em todos os níveis federados, devem garantir a inserção de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa na rede pública de educação, seja no Ensino Regular ou na Educação de Jovens e Adultos. Ainda, a educação formal é um elemento presente no Plano Individual de Atendimento (PIA), como um componente a ser desenvolvido ao longo do medida socioeducativa.

Ao analisar o PIA, observou-se a falta de informações atualizadas para verificar a escolaridade dos alunos. A única fonte disponível é uma ficha emitida pela Secretaria Regional de Educação que lista as escolas que o aluno frequentou, além de documentos solicitando vagas nas escolas municipais, revelando o abandono escolar.

Nesse contexto, segundo Eigenheer (2023), observa-se que muitos adolescentes e jovens autores de atos infracionais, só conseguem se matricular nas instituições escolares apenas via judicial, em que as escolas justificam a recusa das vagas sob a proteção da segurança de outros alunos matriculados. Assim, nos cabe às reflexões: De qual proteção estão se referindo? De quais alunos essas escolas estão protegendo? Em que posição o Direito

à Educação a todos se encontram? E quem irá proteger esses adolescentes e jovens que não possuem seu direito à educação respeitado?

Consequentemente, a escola está contribuindo para a estigmatização e a violação de direitos, como o Direito à Educação, em que não está aspirando o pleno desenvolvimento e preparo para o exercício da cidadania, da condição peculiar dos adolescentes em desenvolvimento (ECA, 1990)

Em concordância com o direito violado sobre a educação, ao longo das oficinas e entrevistas, observou-se que as/os jovens não encontram sentidos na educação formal, uma vez que a instituição escolar é um espaço em que seus direitos não são respeitados e os adolescentes constantemente oprimidos, principalmente devido às suas identidades, o que incide na estigmatização de quem são. Como é possível perceber novamente na fala de Edgar e Lourenço, em que os jovens apresentam um discurso de serem vistos como *"menores infratores"*:

> -Edgar: "[...] Mas na escola, os caras queriam abrir minha bolsa, porque toda vez que sumia celular, colocavam a culpa em mim"
> Nesse momento, o Lourenço relata que vivenciou isso também, mas com a questão da maconha, porque fumava antes do horário de aula e a coordenação queria ver se tinha droga nas bolsas. (Diário de Campo, 2022, p. 68)

A concepção da educação como uma obrigatoriedade e uma ação lastimosa pelos jovens, é relatada por Eigenheer (2023), em que os adolescentes não compreendem a educação como um direito, mas como uma sanção, isto é, uma punição que faz parte do cumprimento da sua medida socioeducativa.

Em outra oficina sobre Direitos e Responsabilidades, os adolescentes presentes na discussão, relataram estar indignados de sofrerem um "enquadro" dentro da escola (Diário de Campo, 2022, p. 97). O que viola novamente os direitos dos adolescentes, como é visionado no ECA (Brasil, 1990), que descreve que o adolescente e a criança tem o direito a não ser exposto(a) a constrangimento ou tortura.

Essas situações nos revelam o despreparo de docentes e colaboradores dentro da instituição escolar, mostrando um desconhecimento acerca dos direitos e responsabilidades de crianças e adolescentes no Brasil.

Além disso, notou-se que os jovens compartilham opiniões similares e firmes sobre a educação:

> A conversa se sucedeu para o tema Escola. Sobre isso, a pesquisadora disse: "Você precisa exigir seu direito de aprender", ao que os adolescentes responderam: "de que jeito? nem os professores vêm pra escola"; "deveria ter terminado o ensino médio já, mas fui preso"; "o cara olhou pra minha cara e disse que não tinha vaga (referindo-se a uma vaga para EJA), a Técnica da Medida perguntou e ele disse que

> tinha"; "o professor de matemática escreve na lousa e fica sentado, não explica nada, não explica a correção dos exercícios". Ainda mais, um jovem relata que "você aprende mais na FEBEM do que na escola", uma vez que os meninos explicaram que na Fundação Casa você é obrigado a ir para a aula porque você está lá, mas pode escolher não fazer as atividades (participar da aula). Diogo cita que "tu pode comprar certificado". O Pedro fala: "Tô no 2º (EM) e não aprendi nada desde o 9º ano. Os professores nem vem na escola" (Diário de Campo, 2022, p.98).

Demonstrando que a educação formal apresenta falhas e que esses alunos têm um conhecimento prático delas. Falas apresentadas também em outro diálogo evidenciam estes problemas:

> Sobre o direito à educação, a pesquisadora disse: "Quando abrimos mão da educação, deixamos de aprender". Os adolescentes responderam: "na escola tem mais aula vaga do que aula"; "a gente mexe mais no celular que estuda"; "professor nem falava comigo na escola"; "o que vamos aprender na escola?" (Diário de Campo, 2022, p. 97)

Evidenciando como os adolescentes não se sentem pertencentes à escola e à educação, resultando em um distanciamento devido à falta de significado. A escola é apresentada pelos jovens como um espaço para "passar de ano", "aprender a ler e escrever" e para adquirir conhecimentos para o mercado de trabalho, perspectiva visionada no Sistema Capitalista Neoliberal.

Neste trecho, é possível observar a fala de Miguel, um adolescente de 14 anos que nunca repetiu e que apresenta conflitos entre seus colegas de turma e professores:

> Pesquisadora: A escola é importante pra você?
> Miguel: Vo ser sincero, só pra passar de ano, pra não repetir, pra não ser burro (Entrevistado 1, 2023)

Já o adolescente Carlos Eduardo, relata que a educação vem de casa e que a escola é suficiente apenas para ler e escrever, reproduzindo um pensamento comum entre os sujeitos da sociedade brasileira:

> Carlos Eduardo fala que educação vem de casa e que eles não fazem na escola. A escola é suficiente para apenas ler e escrever. Breno complementou que a matemática também. O Joaquim complementou dizendo que é só fazer um curso para algo a mais (Diário de Campo, 2022, p. 108).

Relacionando a concepção de Carlos com os dados observados ao longo da pesquisa, foi constatado que nem isso a escola está proporcionando aos jovens, uma vez que estes estudantes apresentam dificuldades no que diz respeito à leitura e escrita, como é visionado no

trecho a seguir: “Ainda, a pesquisadora pediu que o restante dos meninos lessem, Antônio disse que não sabia ler e o Luiz leu novamente” (Diário de Campo, 2022, p. 104). Também, no PIA do adolescente Guilherme:

> Quando entrou no cumprimento da medida socioeducativa, a mãe havia relatado que o jovem tinha dificuldade de aprendizagem e não tinha conseguido vaga em uma escola que poderia ajudá-lo. O jovem não é alfabetizado. Disse que não quer continuar os estudos por não ter paciência. A última escola que frequentou foi a Odilon no 7° ano, tarde, 2019 (PIA, 2023)

Conforme Eigenheer (2023), as dificuldades na aprendizagem se iniciam nos primeiros anos escolares, na qual não são solucionados e que vão se intensificando ao longo do período, promovendo um progressivo distanciamento da escola e do aluno. Também Cardoso (2017), descreve semelhanças entre os jovens autores de ato infracional, como as trajetórias escolares marcadas por dificuldades de aprendizagem desde os anos iniciais e, consequentemente, de comportamento, levando-os à evasão escolar.

Segundo a autora, para esses jovens, a escola, é reduzida a um espaço apenas para a certificação para o mercado de mercado (Cardoso, 2017), ou seja, a escola é visionada como uma porta de entrada ao mercado de trabalho, como é revelado no trecho a seguir:

> Pesquisadora: A Escola é importante para você? Por quê?
> Gisele: Sim, eu acho, porque dá pra arrumar um serviço bom
> Pesquisadora: E o que é um serviço bom?
> Gisele: Que não recebe tão pouco (Entrevistada 2, 2023)

Paralelamente, as/os jovens apresentam sentidos e significados sobre a socioeducação, uma vez estes mesmos adolescentes não se reconhecem no seu PIA e nem sobre qual é o objetivo em torno da socioeducação, demarcando novamente a violação aos seus direitos, mesmo quando estão sob controle direto do Estado, no cumprimento de uma medida socioeducativa. Acreditam que o comparecimento ao CREAS é “só para bater a carteirinha”. Como revela Edgar em seu discurso, quando solicitado a sua participação na oficina de Grafite, o jovem respondeu que não gostaria de se envolver:

> Não quis participar de forma alguma e inicialmente ficou na “defensiva”, disse que só estava indo ao CREAS para marcar ponto, mas não iria se envolver (não gosta de ir ao CREAS), visto que não tinha sentido naquilo e que logo ia fazer 18 anos e mudar de vida, mas que era grato pelas coisas que estavam acontecendo, como por exemplo: os cursos e as orientações que a Cintia estava dando (Diário de Campo, 2022, p.61)

Similarmente, João e Lourenço também apresentam fala semelhantes ao do jovem Edgar:

> A pesquisadora perguntou quais os motivos que levaram eles a estarem no CREAS aquele dia e as respostas foram:
> -João: “Assinar papel”
> -Lourenço: “O juiz disse ‘6 meses no CREAS ou na fundação’ e eu escolhi essa merda, porque eu não conhecia.” (Diário de Campo, 2022, p. 103)

Nesse sentido, é observável um desconhecimento das/dos jovens sobre a finalidade da socioeducação, orientando-os a uma participação mais efetiva e menos punitiva. Portanto, a educação formal e a socioeducação se apresentam como abordagens punitivas aos adolescentes, o que ocasiona no afastamento da efetivação de seus direitos, dado que a mesma lei que protege, também pune.

6.5 Predileções, Aspirações, Sonhos e Perspectivas de Futuro

De acordo com o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase, 2012), as ações socioeducativas devem apresentar influências sobre a vida de adolescentes autores de atos infracionais, contribuindo para a construção de sua identidade e favorecendo a elaboração de um projeto de vida.

Nesse contexto, o projeto de vida é um elemento fundamental durante a execução das medidas socioeducativas. Segundo Costa; Alberto; Silva (2018), as MSE devem proporcionar aos jovens a construção de seus projetos de vida, através da implementação de iniciativas bem planejadas que promovam o desenvolvimento completo, baseadas nos interesses, metas e redefinições individuais.

Isso implica que, com base nas experiências e no contexto social, cultural e econômico dos jovens, a elaboração do projeto de vida é cuidadosamente planejada, avaliada e ajustada pelos indivíduos de forma constante, envolvendo-se com uma ou mais das diversas dimensões, bem como às áreas: profissional, educacional, afetiva e familiar.

Em vista disso, ao longo das oficinas, entrevistas e análises do Plano Individual de Atendimento, foi observado as predileções, aspirações, sonhos e perspectivas de futuro de meninas e meninos em cumprimento de medidas socioeducativas em um Centro de Referência Especializado em Assistência Social, em um município do interior paulista.

Como mencionado anteriormente, no subcapítulo “Gênero, Sexualidade, Família e os vestígios das Violências na(s) trajetória(s) de vida(s)”, o contexto social em que os adolescentes e jovens estão inseridos exercem grande influência na constituição de suas

identidades, principalmente em seus desejos, anseios e expectativas, influenciando também, na construção e efetivação de suas projeções de futuro. Assim, os adolescentes apresentam anseios calcados no modelo capitalista, em que desejam a riqueza e bens-materiais, como: carros; motos; bens-imobiliários; entre outros, e muitas vezes não sabem o que fazer com o patrimônio, como é verificável no trecho abaixo:

> A pesquisadora perguntou aos adolescentes como eles se viam daqui a 20 anos, as respostas foram:
> -Carlos Eduardo: Rico;
> -Gabriela: Bem, rica, com casa e carro;
> -Henrique: Rico;
> -Giovanna: Aposentada (não sei); bem, feliz, casa, carro, filhos;
> -Fabiano: Não sei;
> -Bernardo: Não sei (Diário de Campo, 2022, p.94)

Também é apresentado nas falas dos jovens Miguel e Gisele, respectivamente, durante as entrevistas:

> Pesquisadora: Você já pensou no que vai fazer depois que acabar a medida?
> Miguel Prefiro deixar em off (risada)
> Pesquisadora: Como você se imagina no futuro? Família, emprego, etc?
> Miguel: Não quero ter filho, casar depende da mulher, ter um emprego
> Pesquisadora: Você quer um carro? moto?
> Miguel: Todo mundo quer, mas precisa batalhar
> Pesquisadora: O que você faz hoje para ter esse futuro?
> Miguel: Vivendo na paz, logo chega (Entrevistado 1, 2023)

> Pesquisadora: Como você imagina no seu futuro: a formação da sua família, seu trabalho, sua formação educativa, bens-materiais, lazer…
> Gisele: Eu quero casar, ter dois filhos, um cachorro, ter um mercado.
> Pesquisadora: E esse homem, você já imaginou como ele vai ser?
> Gisele: Ah, já. Só Deus sabe.
> Pesquisadora: e de bens materiais?
> Gisele: Cada um ter seu carro, sua moto, cada criança ter seu quarto (Entrevistada 2, 2023)

No fragmento abaixo, é verificado que alguns jovens não apresentam projeções para além do dinheiro:

> Outro momento a ser citado é referente às projeções de futuro que os jovens fazem para daqui 10 anos, em que as respostas foram:
> -“Família montada, com dinheiro”
> -Ficar rico antes de ficar de maior;
> -Casa na praia;
> -praia
> -deitado no sofá ganhando dinheiro;
> -ganhando dinheiro na internet.
> Os ministrantes da oficina questionaram os meninos sobre o que eles iriam fazer para além de ter uma casa na praia e ganhar dinheiro, em que eles não souberam responder. (Diário de Campo, 2022, p. 123)

Portanto, as projeções de futuro, pelos meninos, é orientado sob uma perspectiva de construção de uma instituição familiar, trabalho e aquisição de bens materiais, como também é expresso no seguinte trecho,

> Em um certo momento, a Pesquisadora perguntou ao Kevin:
> -Pesquisadora: “Você já se imaginou com 35 anos?”
> -Kevin: “Milionário”
> Gabriel também respondeu:
> -Gabriel: “Não me vejo milionário. Tendo saúde e trampo fixo”.
> A partir disso, Kevin reformulou sua fala:
> -Kevin: “Um carrinho, uma casa, tá bom”
> (Diário de Campo, 2022, p.71)

O trecho apresenta que os jovens almejam dinheiro e bens-matérias a longo prazo, mas que a partir do contato com seus pares, eles tendem a reformular seus pensamentos. De acordo com o Teatro do Oprimido, o debate, o conflito de idéias, a dialética, a argumentação e a contra-argumentação, são estimuladores que aquecem, enriquecem e preparam os participantes a agirem na vida real. Isso significa que, mediante o diálogo com outros jovens e *espect-atores*, os adolescentes inclinam-se as transformações e um processo de estimulação de novas e antigas noções, uma vez que “é preciso conhecer não apenas as suas próprias, mas também as opressões alheias” (Boal, 2019, p. 14).

Ainda no que concerne ao projeto de vida, alguns jovens apresentavam vontade em sair do tráfico de drogas, revelando o desejo de seus familiares e uma necessidade de transformar sua vida, por conta da violência diária vivida:

> Durante a discussão, Carlos Eduardo mencionou que a sua mãe e a namorada, relataram que ele precisa mudar de vida. Carlos Eduardo quer casar e já está trabalhando, no entanto, trabalha 1 mês para ganhar pouco, o que o tráfico ganhava em média 600 reais por dia. (Diário de Campo, 2021, p. 61)

No entanto, outros revelavam fazer uso e viver desse universo, como é destacado na fala de Lourenço, utilizando-se do dinheiro do tráfico para investir,

> Outro ponto importante a ser comentado, é acerca das falas de investir dinheiro do tráfico. Como pensa João:
> -Lourenço: “tem que ter cabeça diferente. Tem que investir, guardar. A geração de agora não pensa, só quer pegar o dinheiro e gastar com *muié* e whisky. Não quer guardar dinheiro até os 18 anos e depois investir em um negócio"
> (Diário de Campo, Grupo 2, 01/02/2022)

Simultaneamente, o tráfico é visto como um elemento de mudança de vida aos jovens e suas famílias, pela falta de oportunidade e com seus direitos violados, necessitam ocupar-se

de outras maneiras. É nesse sentido que a constituição e a idealização do projeto de vida afirma-se, atendendo às vivências e as necessidades dos jovens, seja pelas resistências ou pela estigmatização de suas identidades.

No que diz respeito ao trabalho, os jovens meninos apresentam anseios pelos ofícios mais corporais e mecânicos, como “servente de pedreiro” e “mecânico” (Diário de Campo). Todavia, quando mencionada a vontade de profissões que necessitam de uma formação no ensino superior, os adolescentes apresentam gozações, como é verificado no fragmento a seguir:

> Terminada a discussão sobre o filme falamos sobre sonhos e projetos. Cada um respondeu o que sonhava em ser no futuro:
> – jogador de futebol;
> – jogador de futebol;
> – não sabe;
> – engenheiro;
> – bem-sucedido, com uma família longe dos perigos e do sufoco. A profissão poderia ser qualquer uma;
> – empresário;
> – veterinária ou bióloga marinha.
> É interessante destacar que quando Pablo deu as respostas, os demais riram (Diário de Campo, 2021, p. 51)

Mas também, o jovem apresenta os mesmos direcionamentos em seu Plano de Atendimento Individual (PIA), em que relatou ser engenheiro civil, constituindo uma família e dispondo de uma casa (PIA, 2023).

É nesse sentido que o trabalho como necessidade é orientado na vida destes jovens, uma vez que pela falta de direitos garantidos, os jovens precisam trabalhar para garantir suas sobrevivências, seja no mundo da criminalidade ou no trabalho formal. Ainda, de acordo com Watari; Romanelli (2010), a transição da infância para a vida adulta, implica uma série de mudanças nas condutas do indivíduo, buscando uma postura mais independente e autônoma, ou seja, mais ativa e questionadora do mundo. Isso significa que diante da violação de seus direitos e a busca de seus anseios, estes jovens buscam alternativas para alcançar seus sonhos, que muitas vezes está atrelada à ostentação, "símbolos de juventude” e riqueza no modelo capitalista.

Todavia, as jovens participantes da pesquisas, apresentam predileções voltadas a construção de uma carreira que necessita de uma formação no ensino superior, e também, a constituição de uma família e projetos voltados para os seus filhos, uma vez que das nove adolescentes, cinco possuem sucessores.

Na fala de Gisele, durante a entrevista, a jovem mencionou a vontade de ter dois filhos e constituir um núcleo familiar, um tempo depois, a adolescente descobriu que estava grávida.

Também, Amanda não possui filhos, mas apresenta o anseio de construir uma família com seu namorado: “Slá, já tô do jeito que quero, na minha casa, com o meu marido. Eu trabalho na pizzaria, quero futuramente ter filho” (Diário de Campo, 2022, p. 83).

Já a adolescente Lívia, de 16 anos de idade, mãe de um filho de, aproximadamente, 3 anos de idade. A jovem demonstra em suas falas, um anseio de proporcionar tudo aquilo que não teve em sua infância, como sucedeu na oficina sobre Identidade, ministrada por um pesquisador francês:

> A jovem Lívia pegou uma carta que continha um lobo segurando um rato, segundo a garota, representa as pessoas que ela não gosta. Ela diz que parece ela segurando o pai do filho dela, pensando “mato ou não mato”. Futuro: Dar tudo ao filho que ela não teve. De acordo com ela, ela segue vários caminhos. Se o caminho da honestidade não der certo, ela vai para o errado. (Diário de Campo, 2022, p.83)

Nesse contexto, observa-se que as jovens apresentam uma condição de manifestações públicas de comportamentos associadas à feminilidade, em que se comportam segundo o papel social que foi designado a elas ao nascer, mediante aos corpos e a de um suposto determinismo biológico - *fêmea* (Reis, Pinho; 2016; Butler, 2015; Segato, 1998). Assim, como o gênero, raça e classe são categorias de leitura da sociedade, é verificável que estas meninas aspiram expectativas, sonhos e desejos que a sociedade projeta desde a infância, como a maternidade e a constituição de único familiar.

Também, durante as oficinas, as adolescentes Bianca e Vitória, e Gisele durante a entrevista, mencionaram possuir um anseio em realizar um curso no ensino superior. Sendo, Bianca e Gisele (Entrevistas, 2023), uma formação voltada para a Licenciatura e, Vitória voltada para os cursos de Medicina Veterinária ou Biologia Marinha (Diário de Campo, 2022).

Ainda, estes jovens afirmam que a educação é um caminho a ser percorrido para atingir suas metas, como é apresentado no Plano Individual de Atendimento, no entanto, a relação que possuem com a instituição escolar é provocadora. No PIA dos adolescentes José e Marcos, ambos afirmam que precisam estudar:

> José: Meta: "cumprir minha medida no CREAS, e fazer um curso, e estudar" Para atingir: "continuar a estudar, ir todos os dias marcado pra ir no CREAS e ir atrás de curso" (PIA, 2023)
> Marcos: Meta: “arrumar um emprego, para isso ele acredita que precisa”. Para atingir: "estudar fazer uma faculdade cursos" (PIA, 2023).

Também, foi observado, que de acordo com os jovens e adolescentes participantes da pesquisa, a escola e a medida socioeducativa, proposta pelo Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), não proporcionam de forma significativa reflexões para a construção de projeções de futuro pelas/pelos jovens.

Portanto, é verificável que existem diferenças entre as perspectivas de futuro de meninas e meninos na socioeducação, em que as expectativas das adolescentes é voltada para a constituição de uma família e de trabalhar em torno dela, como por exemplo: dar o melhor aos filhos. Já os dos meninos é voltado para a ascensão social, como se tornar rico, mesmo que alguns não saibam o que fariam com o dinheiro, mas uma parcela querem dar uma vida melhor para as mulheres de suas famílias

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, observou-se a partir das análises do Plano Individual de Atendimento, que os jovens em cumprimento de medidas socioeducativas são majoritariamente homens cisgêneros, possuindo entre 16 e 17 anos de idade, em que são autores de atos infracionais pelo tráfico de drogas e residem em regiões periféricas com mães e avós. Também verificou-se que as meninas possuem entre 16 e 17 anos, são autoras de atos infracionais por tráfico de drogas, em que 5 adolescentes possuem relação com a maternidade e apresentam um maior predomínio em residir com mães e cônjuges.

Nesse contexto, conforme se examinou as perspectivas de vida a curto, médio e longo prazo das/dos jovens e adolescentes, compreendeu-se que as/os jovens possuem relações em torno de suas Identidades, como: trajetória escolar árdua e o sentimento desfavorável em relação à escola; visões de recusas aos governos atuais e a polícia; existência de violências e de direitos violados pela sociedade; concepções de sexualidade, raça, gênero e classe similares; relação entre estilo e Cultura. Relacionando-se assim, com a estigmatização de suas identidades e a influência na construção e efetivação das projeções de futuro.

Outro constituinte analisado é em torno dos direitos, uma vez que seus direitos *são* e *estão* violados em todos os espaços em que (sobre)vivem, devido às localidades em que residem, a raça, ao gênero, aos contextos familiares e as marcas de violências ocasionadas pelo Estado, pelas Instituições Públicas e pelo Sistema Capitalista Neoliberal.

Igualmente, devido a violação de seus direitos, estigmatização e violência, as/os jovens se compreendem como "*bandido"* e *"menor"*, devido aos estigmas dispostos sobre elas/eles. Ainda, é visível as mudanças em suas vivências, rotinas e gostos para atender a demanda social.

Outrossim, verificou-se que as/os jovens não possuem uma diferenciação entre gênero e orientação sexual, em que o bairro/comunidade têm influência na construção da identidade de gênero e sexual desses adolescentes, em que as adolescentes meninas apresentam discursos mais flexíveis, comparados aos dos meninos. Também, observou-se uma maior aceitação por parte dos adolescentes do gênero masculino em relação aos relacionamentos sáficos e que, de modo geral, a violência e a intolerância são imperativos presentes em torno das falas nas diferentes discussões de gênero e sexualidade conduzidas ao longo da pesquisa.

Já quando se trata de relacionamento sexual e amoroso heterossexual, nota-se o entendimento por parte dos meninos que suas parceiras não possuem os mesmos direitos que eles, em que dispoem da presença de demarcações machistas e sexistas para as relações

afetivas, sexuais e amorosas entre os adolescentes. Semelhante, no que refere-se a saúde sexual, os jovens apresentam resistências e desconhecimentos em relação aos métodos contraceptivos e a sexo seguro e protegido.

No que tange aos núcleos familiares, as/os adolescentes participantes dois polos para referirem-se às suas famílias: fomentadora de violência; promotora e elemento importante na construção do Projeto de Vida.

De modo igual, a violência policial também marca as vivências e os contextos das/dos jovens - não havendo distinção de gênero - contribuindo na formação de identidade desses adolescentes, uma vez que a relação é complicada e penosa, no sentido da estigmatização das/dos jovens, utilização e consumo de entorpecentes, corrupção e principalmente, na opressão.

Portanto, é possível verificar que a violência permeia as vivências das/dos jovens, no âmbito familiar, social e em seus relacionamentos amorosos, afetivos e/ou sexuais, contribuindo para o seguimento dessa violência em outros âmbitos, e também, para a estigmatização das/dos adolescentes autores de atos infracionais.

No que está relacionado a violência, a escola e a socioeducação também são componentes em que observou-se relação. Em que a escola está contribuindo para a estigmatização e a violação de direitos, visto que as/os jovens não encontram sentidos na educação formal, uma vez que a instituição escolar é um espaço em que seus direitos não são respeitados e os adolescentes constantemente oprimidos.

Também, a escola é apresentada pelas/pelos jovens como um espaço para “passar de ano”, “aprender a ler e escrever” e para adquirir conhecimentos para o mercado de trabalho, perspectiva visionada no Sistema Capitalista Neoliberal.

Similarmente, as/os jovens apresentam sentidos e significados sobre a socioeducação, uma vez estes mesmos adolescentes não se reconhecem no seu PIA e nem sobre qual é o objetivo em torno da socioeducação, demarcando novamente a violação aos seus direitos, mesmo quando estão sob controle direto do Estado, no cumprimento de uma medida socioeducativa. Acreditam que o comparecimento ao CREAS é “só para bater a carteirinha”.

Nesse sentido, é observável um desconhecimento das e dos jovens sobre a finalidade da socioeducação, orientando-os a uma participação mais efetiva e menos punitiva. Portanto, a educação formal e a socioeducação se apresentam como abordagens punitivas aos adolescentes, o que ocasiona no afastamento da efetivação de seus direitos, dado que a mesma lei que protege, também pune.

Portanto, os estigmas atrelados às trajetórias de vida das/dos adolescentes, influenciam na construção de suas projeções de vida, em que meninos e meninas apresentam componentes semelhantes e diferentes nas suas projeções de futuro. No que refere-se às meninas, é possível observar que as relações de gênero persuadem quais caminhos as jovens devem seguir, como a maternidade e o matrimônio, uma vez que estas/estes jovens reproduzem em seus discursos as expectativas da sociedade e de suas famílias.

Os meninos apresentam anseios calcados no modelo capitalista, em que desejam a riqueza e bens-materiais, como: carros; motos; bens-imobiliários; entre outros, e muitas vezes não sabem o que fazer com o patrimônio. Em que as suas projeções de futuro são orientadas sob uma perspectiva de construção de uma instituição familiar, trabalho e aquisição de bens materiais

Em vista disso, restou como indicativo a necessidade de espaços dialógicos e reflexivos para que as/os adolescentes/jovens possam, de fato, durante a medida socioeducativa, (re)pensar seus Projetos de Vida a curto, médio e longo prazo. Para que as reflexões sobre as perspectivas de futuro e a garantia de direitos e responsabilidades possam ocorrer de maneira mais coordenada, é importante estabelecer uma colaboração mais estreita entre o Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) e outras entidades públicas, como as unidades escolares.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Tâmara Ramalho de Sousa; ALBERTO, Maria de Fatima Pereira; AZEVEDO, Cinthya Rebecca Santos. Adolescência e Ato Infracional: Violência Institucional e Subjetividade em Foco. **Psicologia: Ciência e Profissão.** Jul/Set. 2017 v. 37 n°3, 579-594.

ARAÚJO, Keillha Israely Fernandes de. Família e Medidas Socioeducativas: a importância do acompanhamento familiar. *In:* VI **Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 2013, São Luís. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2013.

ARENDT, Hannah. As Origens do Totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro, Documentário, 1979

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: Fatos e mitos.** Ed 4. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BENEVIDES, Maria Victoria. Educação em Direitos Humanos: do que se trata? In: Seminário de Educação em Direitos Humanos. São Paulo, 2000. Disponível em: http://www.hottopos.com/convenit6/victoria.htm.

BERNINI, Lorenzo. Macho e fêmea Deus os criou!? A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades.** Natal. v. 5, n. 06, 2012. ISSN 2316-6185.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Ed 1. São Paulo: Editora 34, 2019.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Ed 16. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BRASIL, Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei Nº 12.594, De 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). **Diário Oficial da União,** Brasília.

CANDAU, Maria Vera. **Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos**. In: Educação em direitos humanos : uma proposta de trabalho. 1999.

CARDOSO, Priscila Carla **A Construção de Identidade de Adolescentes Autores de Atos Infracionais Durante Suas Trajetórias Escolares.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

CARVALHO, Diego Sousa de. Estado, juventude e narrativas do sistema socioeducativo: direitos humanos, saúde e políticas sociais. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2021.

CIAMPA, Antonio da Costa, Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. **Interações**, São Paulo, v. 3, nº. 6, p. 87-101, jul./dez. 1998.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A Identidade social como metamorfose humana em busca de emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico**. Anais do XXIX Encontro da Sociedade Interamericana de Psicologia – SIP. Lima. Peru. 2003.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Dos espaços aos direitos: A realidade da ressocialização na aplicação das medidas socioeducativas de internação das adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei nas cinco regiões. **Relatório**. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2015. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2011/02/cb905d37b1c494f05afc1a14ed56d96b.pdf> Acesso em: 22 set. 2023

COSTA, Cibele Soares da Silva; ALBERTO, Maria de Fatima Pereira; SILVA, Erlayne Beatriz Félix de Lima. Vivências nas Medidas Socioeducativas: Possibilidades para o Projeto de Vida dos Jovens. **Psicologia: Ciência e Profissão.** 2019 v. 39, e186311, 1-16. https://doi.org/10.1590/1982-3703003186311.

COSTA, Cibele Soares da Silva. **Vivência e Projeto de Vida de Jovens em cumprimento de medidas socioeducativas.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 211, 2017.

DAVIS, Ângela. **Estarão as Prisões Obsoletas?** Editora Difel. Rio de Janeiro, 2018.

EIGENHER, Juliana Maria Luccas Duarte. **O jovem em conflito com a lei e a execução da medida socioeducativa em meio aberto : tensões e perspectivas.** 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, 2023. Disponível em:<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/79176686-25be-4a92-aeb2-f684d4433559/content>. Acesso em: 29 set. 2023.

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?*:* movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. - São Paulo : Atlas, 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4ª. Ed.- Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOMES, Camilla de Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. **Dossiê: Gênero e sexualidade**. Civitas, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 65-82, jan.-abr. 2018.

GOMES, Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

GONÇALVES, Giovanna Guarese Borges. **Futebol das Quebradas: uma análise sobre suas contribuições no atendimento da medida socioeducativa na UAMA do Paranoá**. 2018. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

GONSALVES, Elisa. **Iniciação à Pesquisa Científica.** Campinas: Editora Alínea, 2003.

GONTIJO, Daniela Tavares; MEDEIROS, Marcelo. Adolescência, gênero e processo de vulnerabilidade/desfiliação social: compreendendo as relações de gênero para adolescentes em situação de rua. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 33, n. 4, p. 605-617, 2009.

GUIMARÃES, Joyce Ferreira. **Inserção no mundo do trabalho: as perspectivas de adolescente em cumprimento de medida socioeducativa de internação marcados por uma identidade estigmatizada.** 2014. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres Negras e Feminismo**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua anual.** Editoria: Estatísticas Sociais, 2020.

INOCENTES, Pollyana Gonçalves dos. "MENINAS INFRATORAS": a transversalidade da categoria gênero no cumprimento de medidas socioeducativas de internação. ***In:*** **IX JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS**, 9, 2019, São Luís.

MACHADO, Frederico Viana. **Muito além do arco-íris. A construção de identidades coletivas entre sociedade civil e o Estado.** 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. **In: Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Editora Vozes: Petrópolis, 2002.

MOORE, Henrietta. Compreendendo Sexo e Gênero. in Tim Ingold (ed.), Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres, Routledge, 1997, p. 813-830. Tradução de Júlio Assis Simões. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/269229/mod_resource/content/0/henrietta%20moore%20compreendendo%20sexo%20e%20g%C3%AAnero.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. **Estudos de Psicologia,** 2006, v. 11, n.2, p. 143-151.

NORKEVICIUS, Douglas. O reforço aos estigmas de gênero: Meninas no Sistema Socioeducativo brasileiro. **Delicate**, v. 5, n. 8, p.364-391, jan.-jun. 2020.

PIOVESAN, Flávia C. Direitos humanos: desafios e perspectivas contemporâneas. **Revista TST, Brasília**, vol. 75, no 1, jan/mar 2009

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SOUZA, Juliana Cavicchioli de. **Medidas Socioeducativas em meio aberto: a compreensão de jovens autores de ato infracional.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/190925>. Acesso em: 02 nov. 2022.

RAMALHO, Daniel Rodas; CORREIA, Cristiane Agnes Stolet. Teatro, Ética e Direitos Humanos: uma reflexão teórico-prática a partir de desdobramentos do Teatro do Oprimido. **Revista de Teatro e Outras Artes**. v. 2, n. 1, 2020.

REIS, Neilton dos; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: Identidades, Expressões e Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 7-25, Jan./Abr. 2016. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em: 01 ago. 2023

RELATÓRIO DA PESQUISA NACIONAL DAS MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM MEIO ABERTO NO SISTEMA ÚNICO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Relatório**. Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/relatorios/Medidas_Socioeducativas_em_Meio_Aberto.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023

ROMANELLI, Geraldo. O relacionamento entre pais e filhos de Camadas Médias. **Paidéia,** FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, Fev.-Ago, 1998.

SANTIBANEZ, Dione Antônio Carvalho de Souza; FRATTARI, Najla Franco; OLIVEIRA, Dijaci David. AS NARRATIVAS DO MEDO E A CRIMINALIZAÇÃO DA JUVENTUDE: O DISCURSO PUNITIVO CONTRA ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI. Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 40, n. 2, p. 307–325, 2015. DOI: 10.5216/ia.v40i2.32815. Disponível em: https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/32815. Acesso em: 22 set. 2023.

SILVA, Macilene Severina; SILVA, Marcelo Rodrigues da; ALVES, Maria de Fátima Paz. **Sexualidade e Adolescência: É Preciso Vencer os Tabus.** In: Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte, 2004. Resumo. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Educa/Educa169.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023

SEGATO, Rita. **Os percursos do gênero na antropologia e para além dela.** Série Antropologia. Brasília: Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18º Edição. São Paulo: Cortez, 2011.

TORRES, Marco Antônio. **A emergência de professoras travestis e transexuais na escola: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas.** 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** 1998. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139423>. Acesso em: 22 set. 2023.

WATARI, Felipe; ROMANELLI, Geraldo. ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO: TRABALHO REMUNERADO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 547-556, jul./set. 2010.

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista

Nome do Jovem:

Entrevistador:

1) Quantos anos você tem?

2) Você tem filhos? Se sim, quantos? Qual a idade deles?

3) Com quem você mora atualmente?

4) Como você descreveria a sua relação com a sua família?

5) O que é ser mulher e o que é ser homem? Você acredita que possa existir pessoas que não se enquadram nessas determinações?

6) Você sabe o que é equidade?

7) Você acredita que exista uma equidade entre as pessoas (principalmente, mulheres e homens) em sua família, quando tratado dos cuidados das crianças e dos adolescentes, serviços domésticos, trabalho, educação, momentos de lazer, sexualidade, etc? Se não acredita, você acha que isso deveria ser alterado? Por quê?

8) E na sociedade?

9) Quando você pensa sobre o futuro a longo prazo, como você se vê e como vê sua família?

10) Em 2023 você está matriculado(a) no Ensino Regular ou na modalidade EJA? Se sim, em que série/ano você está matriculado(a)?

11) Como você explicaria a sua relação com a escola?

12) A Escola é importante para você? Por quê?

13) Você já sofreu preconceito ou violência dentro do espaço escolar? Se sim, responda: Quem cometeu a violência e que tipo de violência foi?

14) Em outros espaços, você sofreu violências? Se sim, responda: Quem cometeu a violência e que tipo de violência foi?

15) Você sente que a escola se preocupa com o seu futuro?

16) Você já pensou no que fará depois que concluir o Ensino Médio?

17) É a primeira vez que você cumpre medida socioeducativa em Liberdade Assistida (LA)? Se não, quando você cumpriu ou iniciou o envolvimento com atos considerados fora da lei?

18) Em sua visão, a medida socioeducativa permite que você pense sobre o seu projeto de vida e sobre seu futuro?

19) Ao longo do cumprimento da medida socioeducativa, você conseguiu estabelecer metas a curto, médio e longo prazo? Se sim, quais e porquê? Se não conseguiu, você acha que deveria ter conseguido? Por quê?

20) Você já pensou no que fará depois que concluir a medida socioeducativa?

21) Como você imagina no seu futuro: a formação da sua família, seu trabalho, sua formação educativa, bens-materiais, lazer…

22) O que você faz hoje para estar com este futuro pretendido? Ou ainda, o que acha que deveria estar fazendo? E por quê não está?

23) Você acredita que a elaboração do projeto de vida pode sofrer influências por conta do gênero, classe, raça, idade, sexualidade e outros fatores? Por quê?

24) Você acredita que essas influências podem interferir na concretização dos seus sonhos e metas?

25) Me conte, como você era 5 anos atrás?

26) Como você se descreve hoje?

27) Como você quer se descrever daqui a cinco anos?

28) Gostaria de acrescentar algo que eu não perguntei, mas que você acha importante?

APÊNDICE B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)
(jovens menores de 18 anos)

Eu, Débora Cristina Fonseca, RG 21354277-8, profª. do Departamento de Educação - Unesp Rio Claro, juntamente com a estudante Mariana Cunico da Silva, aluna de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro RG 55.635.724-3/SSP-SP, estamos convidando-o (a) a participar do estudo: "Entre Relações de Gênero e a Socioeducação: O Teatro do Oprimido e Projeto de Vida com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas".

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer e analisar se existem influências dos papéis sociais, feminino e masculino, na construção do Projeto de Vida de meninas em cumprimento de medidas socioeducativas em um CREAS do município do interior paulista. Se você aceitar esse convite, o seguinte ocorrerá: será realizada uma entrevista individual semiestruturada, de aproximadamente quarenta minutos, com os(as) adolescentes que frequentam o CREAS, com o objetivo de discutir as diferenças entre meninos e meninas e os significados atribuídos por eles em seus Projetos de Vida.

Os riscos em participar desta pesquisa são mínimos, podendo sentir desconforto ou constrangimento diante de alguma pergunta. Para diminuir essa possibilidade de risco de desconforto ou constrangimento, as perguntas foram elaboradas de maneira a não causar constrangimentos e não são solicitados dados de identificação nas entrevistas, mas ainda sugerimos que você deixe de se manifestar diante do que sinta desconforto, podendo deixar de responder ou desistir de sua participação sem qualquer prejuízo. Caso você tenha dúvidas, pode pedir esclarecimentos.

O benefício desta pesquisa é compreender a visão dos adolescentes sobre o tema e como se constitui a noção em torno de Projetos de Vida.

Lembramos que é seu direito desistir da participação da pesquisa em qualquer momento e por qualquer razão, sem qualquer prejuízo. Garantimos o sigilo e a sua não identificação. Utilizaremos as respostas apenas para alcançar os objetivos da pesquisa e qualquer publicação com os resultados, garantimos o sigilo e anonimato.

Em caso de dúvida ou para entender melhor a pesquisa, você poderá entrar em contato, em qualquer momento que julgar necessário, com os pesquisadores. Os dados para contato encontram-se no final deste documento.

Você não terá qualquer forma de despesa e não será remunerado(a) para participar da pesquisa.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador.

Local/data _____,____/____/_____.

_____	_____
Assinatura do Pesquisador Responsável	Assinatura do participante da pesquisa RG:

Dados sobre a Pesquisa:
Título do Projeto: Entre Relações de Gênero e a Socioeducação: O Teatro do Oprimido e Projeto de Vida com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas.
Pesquisadora responsável: Profª. Drª. Débora Cristina Fonseca
Instituição: Unesp - Rio Claro
Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP
Dados para Contato: fone (19) 3526-4272 e-mail: debora.fonseca@unesp.br

Estudante responsável: Mariana Cunico da Silva
Cargo/função: Aluna de graduação do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Instituição: Unesp - Rio Claro
Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP
Dados para Contato: fone (19) 3526-4272 e-mail: mariana.cunico@unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC
Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP
Telefone: (19) 3526-9678

Dados sobre o(a) adolescente:

Nome:_____

Documento de Identidade:_____

Sexo:_____ Data de Nascimento:____/____/_____

Endereço:_____

Telefone para contato:_____

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)
(jovens maiores de 18 anos)

Eu, Débora Cristina Fonseca, RG 21354277-8, profª. do Departamento de Educação - Unesp Rio Claro, juntamente com a estudante Mariana Cunico da Silva, aluna de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro RG 55.635.724-3/SSP-SP, estamos convidando-o (a) a participar do estudo: "Entre Relações de Gênero e a Socioeducação: O Teatro do Oprimido e Projeto de Vida com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas".

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer e analisar se existem influências dos papéis sociais, feminino e masculino, na construção do Projeto de Vida de meninas em cumprimento de medidas socioeducativas em um CREAS do município do interior paulista, de modo a auxiliar na compreensão e construção dos projetos de vida dos(as) jovens. Se você aceitar esse convite, o seguinte ocorrerá: será realizada uma entrevista individual semiestruturada, de aproximadamente quarenta minutos, com os(as) jovens que frequentam o CREAS, com o objetivo de discutir as diferenças entre meninos e meninas e os significados atribuídos por eles em seus Projetos de Vida.

Os riscos em participar desta pesquisa são mínimos, podendo sentir desconforto ou constrangimento diante de alguma pergunta. Para diminuir essa possibilidade de risco de desconforto ou constrangimento, as perguntas foram elaboradas de maneira a não causar constrangimentos e não são solicitados dados de identificação nas entrevistas, mas ainda sugerimos que você deixe de se manifestar diante do que sinta desconforto, podendo deixar de responder ou desistir de sua participação sem qualquer prejuízo. Caso você tenha dúvidas, pode pedir esclarecimentos.

O benefício desta pesquisa é compreender a visão dos jovens sobre o tema e como se constitui a noção em torno de Projetos de Vida.

Lembramos que é seu direito desistir da participação da pesquisa em qualquer momento e por qualquer razão, sem qualquer prejuízo. Garantimos o sigilo e a sua não identificação. Utilizaremos as respostas apenas para alcançar os objetivos da pesquisa e qualquer publicação com os resultados, garantimos o sigilo e anonimato.

Em caso de dúvida ou para entender melhor a pesquisa, você poderá entrar em contato, em qualquer momento que julgar necessário, com os pesquisadores. Os dados para contato encontram-se no final deste documento.

Você não terá qualquer forma de despesa e não será remunerado(a) para participar da pesquisa.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o pesquisador.

Local/data _____,____/____/_____.

_____ _____

Assinatura do Pesquisador Responsável Assinatura do participante da pesquisa
RG:

Dados sobre a Pesquisa:
Título do Projeto: Entre Relações de Gênero e a Socioeducação: O Teatro do Oprimido e Projeto de Vida com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas.
Pesquisadora responsável: Profª. Drª. Débora Cristina Fonseca
Instituição: Unesp - Rio Claro
Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP
Dados para Contato: fone (19) 3526-4272 e-mail: debora.fonseca@unesp.br

Estudante responsável: Mariana Cunico da Silva
Cargo/função: Aluna de graduação do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Instituição: Unesp - Rio Claro
Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP
Dados para Contato: fone (19) 3526-4272 e-mail: mariana.cunico@unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC
Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP
Telefone: (19) 3526-9678

Dados sobre o(a) adolescente:

Nome:_____

Documento de Identidade:_____

Sexo:_____ Data de Nascimento:____/____/_____

Endereço:_____

Telefone para contato:_____

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Débora Cristina Fonseca, RG 21354277-8, profª. do Departamento de Educação - Unesp Rio Claro, juntamente com a estudante Mariana Cunico da Silva, aluna de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro RG 55.635.724-3/SSP-SP, estamos convidando o(a) senhor(a) e o(a) adolescente sob sua responsabilidade a participar do estudo: "Entre Relações de Gênero e a Socioeducação: O Teatro do Oprimido e Projeto de Vida com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas".

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer e analisar se existem influências dos papéis sociais, feminino e masculino, na construção do Projeto de Vida de meninas em cumprimento de medidas socioeducativas em um CREAS do município do interior paulista, de modo a auxiliar na compreensão e construção dos projetos de vida dos(as) jovens. Se o(a) senhor(a) e o(a) adolescente aceitar esse convite, o seguinte ocorrerá: será realizada uma entrevista individual semiestruturada, de aproximadamente quarenta minutos, com os(as) jovens que frequentam o CREAS e estão sob sua responsabilidade, com o objetivo de discutir as diferenças entre meninos e meninas e os significados atribuídos por eles em seus Projetos de Vida.

Os riscos em participar desta pesquisa são mínimos, podendo sentir desconforto ou constrangimento diante de alguma pergunta. Para diminuir essa possibilidade de risco de desconforto ou constrangimento, as perguntas foram elaboradas de maneira a não causar constrangimentos e não são solicitados dados de identificação nas entrevistas, mas ainda sugerimos que o(a) jovem deixe de se manifestar diante do que sinta desconforto, podendo deixar de responder ou desistir de sua participação sem qualquer prejuízo. Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas, pode pedir esclarecimentos.

O benefício desta pesquisa é compreender a visão dos jovens sobre o tema e como se constitui a noção em torno de Projetos de Vida.

Lembramos que é um direito do(a) senhor(a) e do(a) adolescente desistir da participação da pesquisa em qualquer momento e por qualquer razão, sem qualquer prejuízo. Garantimos o sigilo e não identificação do(a) senhor(a) e do(a) adolescente que está sob sua responsabilidade. Utilizaremos as respostas apenas para alcançar os objetivos da pesquisa e qualquer publicação com os resultados, garantimos o sigilo e anonimato.

Em caso de dúvida ou para entender melhor a pesquisa, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato, em qualquer momento que julgar necessário, com os pesquisadores. Os dados para contato encontram-se no final deste documento.

O(a) senhor(a) e o(a) adolescente não terão qualquer forma de despesas e não serão remunerados(as) para participar da pesquisa.

Se o(a) senhor(a) se sentir suficientemente esclarecido(a) sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o(a) senhor(a) e outra com o pesquisador.

Local/data _____,____/____/_____.

_____ _____

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do responsável do participante da pesquisa
RG:

Dados sobre a Pesquisa:
Título do Projeto: Entre Relações de Gênero e a Socioeducação: O Teatro do Oprimido e Projeto de Vida com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas.
Pesquisadora responsável: Profª. Drª. Débora Cristina Fonseca
Instituição: Unesp - Rio Claro
Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP
Dados para Contato: fone (19) 3526-4272 e-mail: debora.fonseca@unesp.br

Estudante responsável: Mariana Cunico da Silva
Cargo/função: Aluna de graduação do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Instituição: Unesp - Rio Claro
Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP
Dados para Contato: fone (19) 3526-4272 e-mail: mariana.cunico@unesp.br

CEP-IB/UNESP-CRC
Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP
Telefone: (19) 3526-9678

Dados sobre o(a) adolescente participante que o(a) senhor(a) é responsável:

Nome:_____

Documento de Identidade:_____

Sexo:_____ Data de Nascimento:____/____/_____

Endereço:_____

Telefone para contato:_____